



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Produzir, consumir, repetir: A encruzilhada da pulsão de morte no neoliberalismo

LUCAS PARCA GUARITÁ

Brasília
2025



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

LUCAS PARCA GUARITÁ

**PRODUZIR, CONSUMIR, REPETIR: A ENCRUZILHADA DA PULSÃO DE MORTE
NO NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Katia Tarouquella
Brasil

Brasília
2025

LUCAS PARCA GUARITÁ

PRODUZIR, CONSUMIR, REPETIR: A ENCRUZILHADA DA PULSÃO DE MORTE NO
NEOLIBERALISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Brasília, 28 de fevereiro de 2025

Banca Examinadora

Profa. Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil - Presidenta
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard - Membro Interno
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Juliano Moreira Lagôas - Membro Externo
Centro Universitário de Brasília

Prof. Dr. Guilherme Freitas Henderson - Membro Suplente
Centro Universitário de Brasília

AGRADECIMENTOS

À Katia Brasil, pela orientação e por me permitir de fato respirar a experiência do pesquisar.

Aos membros da banca Daniela Chatelard, Juliano Lagoas e Guilherme Henderson, que fizeram parte da minha trajetória dentro da psicanálise e que toparam esse encontro em plena sexta-feira de Carnaval.

Aos colegas da pós-graduação, pelas trocas inspiradoras.

Ao Antonio Marcolino e toda equipe da secretaria do PPG-PSICC por todo apoio e paciência.

A UnB, por sua história e pelos encontros. Instituição fundamental.

Aos meus analisandos, por me confiarem a escuta.

Às professoras Kelly Silva e Cláudia Sanz, do departamento de antropologia e comunicação, respectivamente, que ofertaram matérias que foram fundamentais e que foram fontes de inspiração.

A toda equipe envolvida na linha de pesquisa “Psicologia Clínica e Cultura”.

À minha irmã Camila Parca, pela cuidadosa leitura e revisão do texto.

Ao Bruno Fujichima pela leitura do texto em um momento em que nem eu queria mais ler.

À Associação Lacaniana de Brasília, instituição da qual faço parte, espaço de intensa investigação teórica e pessoal.

Ao Guilherme Henderson, Ronan Nascimento, Henrique Borges, Karime Colares, Luciana Salum e Thaísa Barbosa, pelas conversas e por compartilharem essa profissão tão difícil.

À Marina Galerani, Leire Vattimo e Caroline Marques, pela leveza dos encontros.

À Aline Qader, pela escuta.

À Tania Rivera, que, como supervisora, me lembra a importância de se levar menos a sério.

Ao Rodrigo Azoubel e à Sara Lopes, meus amigos mais próximos.

Às minhas avós, fonte de inspiração e amor.

Aos meus pais e irmãs, pelo apoio incondicional.

Às minhas duas gatinhas, Amora e Morgana pela companhia.

Ao meu amor, Vanessa Santos, por tudo, sem você este trabalho não teria acontecido.
Obrigado por sempre estar ao meu lado.

Uma coisa impressionante do gato é a maneira que ele sabe morrer. Eu já acompanhei a morte de vários gatos, a dignidade deles é o que eu desejaria ter. Porque o homem não sabe morrer, muito poucos sabem. (...) Não é a morte, é a antimorte que é terrível. (...) Você tem que cair nas mãos dos médicos, os médicos querendo fazer coisas para prolongar a vida que já acabou, praticamente.

- Nise da Silveira

RESUMO

Nesta dissertação, investigamos como a pulsão de morte é instrumentalizada na constituição das subjetividades contemporâneas e, simultaneamente, de que maneira esse conceito pode abrir possibilidades de resistência e sugerir novos caminhos. Para isso, analisamos os imperativos neoliberais e seus impactos psíquicos. Partimos do estudo da pulsão de morte na psicanálise, desde sua formulação por Freud até sua reformulação por Lacan, relacionando-a às dinâmicas subjetivas atuais. Exploramos os efeitos do neoliberalismo e do individualismo na formação das subjetividades, enfatizando os imperativos de competição, produtividade e autoexploração. Também abordamos o impacto das redes sociais na vida profissional e pessoal, analisando como a pressão por visibilidade online contribui para o mal-estar emocional, manifestado em sintomas como a ansiedade. Além disso, examinamos a possibilidade de uma abordagem criativa da pulsão de morte, destacando seu potencial de renovação e transformação subjetiva. Por fim, propomos a psicanálise como uma ferramenta de resistência aos imperativos neoliberais, promovendo reflexão e a ressignificação das formas de subjetivação impostas pelo sistema vigente.

Palavras-chave: Pulsão de morte; Neoliberalismo; Subjetividade.

ABSTRACT

In this dissertation, we investigate how the death drive is instrumentalized in the constitution of contemporary subjectivities and, at the same time, how this concept can open possibilities for resistance and suggest new paths. To this end, we analyze neoliberal imperatives and their psychological impacts. We begin by studying the death drive in psychoanalysis, from its formulation by Freud to its reformulation by Lacan, relating it to current subjective dynamics. We explore the effects of neoliberalism and individualism on the formation of subjectivities, emphasizing the imperatives of competition, productivity, and self-exploitation. Furthermore, we address the impact of social media on professional and personal life, analyzing how the pressure for online visibility contributes to emotional distress, manifesting in symptoms such as anxiety. Additionally, we examine the possibility of a creative approach to the death drive, highlighting its potential for renewal and subjective transformation. Finally, we propose psychoanalysis as a tool of resistance to neoliberal imperatives, promoting reflection and the redefinition of the forms of subjectivation imposed by the current system.

Keywords: Death drive; Neoliberalism; Subjectivity.

RESÚMEN

En esta disertación, investigamos cómo la pulsión de muerte es instrumentalizada en la constitución de las subjetividades contemporáneas y, al mismo tiempo, cómo este concepto puede abrir posibilidades de resistencia y sugerir nuevos caminos. Para ello, analizamos los imperativos neoliberales y sus impactos psíquicos. Comenzamos estudiando la pulsión de muerte en el psicoanálisis, desde su formulación por Freud hasta su reformulación por Lacan, relacionándola con las dinámicas subjetivas actuales. Exploramos los efectos del neoliberalismo y del individualismo en la formación de las subjetividades, enfatizando los imperativos de competencia, productividad y autoexplotación. Además, abordamos el impacto de las redes sociales en la vida profesional y personal, analizando cómo la presión por la visibilidad en línea contribuye al malestar emocional, manifestado en síntomas como la ansiedad. Asimismo, examinamos la posibilidad de un enfoque creativo de la pulsión de muerte, destacando su potencial de renovación y transformación subjetiva. Finalmente, proponemos el psicoanálisis como una herramienta de resistencia a los imperativos neoliberales, promoviendo la reflexión y la resignificación de las formas de subjetivación impuestas por el sistema vigente.

Palabras clave: Pulsión de muerte; Neoliberalismo; Subjetividad.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: <i>Trend</i> das plataformas de <i>streaming</i>	32
Imagem 2: Postagem de Fernanda Landeiro em seu canal no <i>YouTube</i>	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ENTRE EROS E THANATOS: UM RETORNO À PULSÃO DE MORTE.....	19
2. NEOLIBERALISMO E AS DINÂMICAS DO MAL-ESTAR.....	24
2.1 Desistir não é uma opção: O mal-estar do empreendedor de si.....	26
2.2 “Eu” marca: Mal-estar do eu influencer.....	29
2.3 Um diagnóstico para chamar de meu: a medicalização do mal-estar.....	32
2.4 O mercado da cura de si: a supressão do mal-estar.....	38
3. NA ENCRUZILHADA DA PULSÃO DE MORTE.....	42
3.1 O gozo mortífero da pulsão de morte no neoliberalismo.....	43
3.2 A potência criativa da pulsão da morte.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

Todo conhecimento “deve conter um grão de contrassenso”

Walter Benjamin

Iniciamos¹ o presente trabalho destacando que o advento da psicanálise trouxe consigo uma nova epistemologia, isto é, uma reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano. A começar pelo reconhecimento de que o sintoma está para além do biológico, como fica evidenciado no trabalho de Freud (1893-1895/2016) com a histeria. O que nos faz lembrar da importância que a cultura tem na constituição de subjetividades, que o sujeito não está apartado do social e que pensar a clínica psicanalítica é também pensar o nosso tempo e seus atravessamentos. Partindo desta ideia, o diálogo com outros campos do saber se mostra um caminho auspicioso para investigar o contemporâneo. Freud e Lacan, por exemplo, sempre o fizeram em maior ou menor grau. O mesmo vale para a leitura da psicanálise para os outros campos, que possibilitou a abertura para novas reflexões a respeito do sujeito e sua relação com o mundo. Trabalhos realizados pela escola Frankfurt são exemplos dessa interface.

Compreendendo que o diálogo com outros campos é um caminho rico para refletir o nosso tempo, o presente trabalho irá beber em diferentes momentos da fonte da filosofia, sociologia, antropologia e outros. Vale destacar que essa interface já vem sendo feita por outros pesquisadores há bastante tempo e que tem mostrado bons resultados, cabe destacar os trabalhos realizados por Cristhian Dunker (2017), Vladimir Safatle (2024), Tania Rivera (2014), Joel Birman (2020), Vera Iaconelli (2023), Maria Rita Kehl (2015) e outros. Dito isso, destaco o *savoir-faire* da psicanálise de levantar questões e reflexões sobre as questões humanas. Não à toa, tal saber se misturou na cultura, a famosa frase “Freud explica” repetida pelas mais diferentes pessoas ganha um sentido compartilhado que extrapola os grupos de

¹ Ao longo deste trabalho, procurei, sempre que possível, utilizar a primeira pessoa do plural. Essa escolha reflete o entendimento de que, como pesquisador, as ideias aqui apresentadas são atravessadas pela minha história, mas também que o resultado deste esforço só se concretizou graças ao encontro com o outro. Não apenas pelas valiosas orientações da minha orientadora, mas porque pensar é, em essência, um ato coletivo. Produzimos conhecimento juntos, seja por meio da leitura dos autores, das conversas com amigos, família e professores, ou das trocas que a vida nos oferece. Cada fragmento deste trabalho foi moldado por esses encontros. Como bem defende Foucault (1970/2014), em vez de “fingir” um aniquilamento diante do objeto de pesquisa – ou seja, buscar apenas sua essência e submeter-se a ela – devemos compreender tanto o que se observa quanto o lugar de onde se observa. O sentimento histórico, nesse sentido, abre espaço para que o movimento do conhecimento permita a pesquisa em sua totalidade. Fazer pesquisa é, portanto, um ato que pressupõe o tempo em que ela é realizada, as emoções suscitadas pelo objeto investigado, a história de vida do pesquisador e os múltiplos acontecimentos que atravessam o processo.

psicanalistas, e aponta para uma apropriação cultural dos termos e questões psicanalíticas. Sua existência nessa sociedade marcada pelo uso massivo de fármacos e inúmeras terapias do mercado, atravessada por tempos narcisistas e competitivos, é no mínimo curiosa. É verdade que muita coisa mudou desde a morte de Freud, mas suas contribuições seguem ecoando em nosso tempo. Assim como muita coisa mudou, a psicanálise também mudou, então, o debate que proponho consiste em pensar a possibilidade de fazer novas leituras de conceitos psicanalíticos a partir do diálogo com outros campos.

Esse não é um caminho fácil, mas uma coisa é certa, nas últimas duas décadas, como bem aponta Vera Iaconelli (2023), “a teoria psicanalítica tem sido interpelada pelos estudos de gênero e das relações raciais, pela pesquisa decolonial e pelo aprofundamento da reflexão sobre efeito do neoliberalismo na construção das subjetividades” (p. 19). Esses diálogos não estão isentos de tensões, especialmente ao considerar que a psicanálise, outrora celebrada como uma das abordagens mais revolucionárias de seu tempo, hoje enfrenta o olhar crítico de outros campos do saber. As crises que emergem desses confrontos são inevitáveis, mas também necessários, uma vez que o que é inicialmente percebido como transgressor tende, com o tempo, a ser assimilado pelo *status quo* (IACONELLI, 2023). Ainda segundo a psicanalista brasileira, para a psicanálise manter seu caráter inovador, é fundamental que se engaje em um diálogo horizontal com outras teorias e perspectivas. Foi nesse espírito que buscamos construir esse trabalho e, para tal, colocamos em evidência um conceito psicanalítico que me perseguiu ao longo da pesquisa: *todestrieb*, a pulsão de morte. Como Iaconelli (2023), entendo que não perseguimos temas de pesquisa, são eles que nos perseguem e, no meu caso, tal perseguição se deu pela clínica. Apesar de a pulsão de morte ser um conceito metapsicológico, ao longo dos anos de atendimento pude perceber como os sujeitos são atravessados pelas pulsões e como o tempo em que vivemos produz sintomas. Além disso, o avanço tecnológico e o uso massivo das redes sociais, frequentemente permeados por discursos disfarçados de bem-estar, intensificam o sofrimento. Diante disso, aprofundar-me nesse estudo parecia ser o único caminho possível.

A pulsão de morte parece ser de grande valia para uma leitura a respeito do contemporâneo e suas construções subjetivas. O próprio Freud se utiliza de tal conceito para a análise do Superego e dos irremediáveis antagonismos entre a cultura e o indivíduo, como pode ser observado em *O mal-estar na cultura* (1930/2020). Vale destacar que não buscamos neste trabalho fazer uma leitura do contemporâneo como Freud fez da modernidade em *O mal-estar na cultura* (1930/2020). Não seria possível, em dois anos, um trabalho deste porte. Mas buscamos identificar alguns imperativos do nosso tempo, dentre eles: a ênfase na

individualidade, na competição e no sucesso material, que incitam os indivíduos a se engajarem em comportamentos repetitivos e autodestrutivos na busca por *status* e reconhecimento.

Tais imperativos estão presentes no nosso dia a dia e são alimentados na cultura midiática, que nos bombardeiam constantemente com imagens, sons, discursos, mitos e espetáculos, oferecendo uma espécie de pedagogia cultural, como nos aponta Kellner (2011):

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar - e o que não (p. 11).

Essas relações podem impactar o sujeito, segundo Dunker (2017), de duas maneiras. A primeira afeta o sistema de identificação: imagem, linguagem escrita e a velocidade da relação, aspectos que se relacionam a quem se é, a quem o outro é e a quem somos nós. Já a segunda afeta nosso sistema de demanda, pois na contemporaneidade há sempre alguém nos esperando ou nos oferecendo algo. Esse cenário propicia o surgimento de novas formas de sofrimento e conseqüentemente, formas de tratamento. Nesse cenário a psicanálise pode trazer contribuições valiosas, pois ela nos oferece um olhar singular sobre os fenômenos psíquicos. Singular não no sentido individual, muito pelo contrário, vejamos a citação a seguir de Freud (1921/2011), que nos ajuda a pensar tais pontos:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinarmos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (p.14).

Nessa citação, fica claro que, para Freud, o social é indissociável do individual. Pensar a singularidade do sujeito é pensar suas relações e os diferentes contextos em que se está inserido. Embora o foco dos estudos de Freud, como aponta Peron (2004), estivesse mais voltado para a forma como o aparelho psíquico lida com as demandas internas — provenientes do inconsciente e seus representantes —, isso não significa que Freud tenha ignorado o externo. Refletir sobre o inconsciente e a singularidade do sofrimento humano não implica desconsiderar os impactos do social, mas reconhecer que cada indivíduo o subjetiva de maneira única. Com isso, compreendemos que a psicanálise nos oferece a possibilidade de dialogar com outras áreas do saber, buscando uma visão integral do humano, que vai além dos sintomas ou aspectos isolados, abrangendo tanto as questões singulares, quanto as sociais e

suas representações. Dessa maneira, podemos afirmar que a psicanálise oferece uma leitura singular da contemporaneidade.

Estudar o contemporâneo é um desafio permanente, pois não é possível prever ou controlar os eventos que o moldam. Antes de avançarmos no texto, vale destacar o que entendemos por contemporâneo. Ele é aqui entendido como apresentado por Agamben (2009), que sustenta a concepção de que pensar sobre o contemporâneo implica considerar uma relação singular com o tempo presente, caracterizada pela simultaneidade de aderência a esse período e distanciamento dele. Conforme o autor, a condição de ser contemporâneo não permite uma imersão total na época em que se vive, pois tal imersão impossibilitaria uma percepção adequada dela. O processo não se configura, portanto, como um ato nostálgico, mas como a capacidade de perceber diferentes períodos históricos, analisar suas semelhanças e diferenças, identificar suas tensões e compreender seus modos de operação. Sem realizar julgamentos de valor. Nessa perspectiva, exige-se a percepção do obscuro de seu próprio tempo como algo intrínseco, sendo fundamental a contínua interpretação desse aspecto. Assim, estudar o contemporâneo é compreender que o presente é uma entidade constantemente inalcançável e em constante necessidade de reflexão. Isso decorre da compreensão de que o presente é, na verdade, a parte não vivida dentro de toda experiência vivida, e o que impede o acesso pleno a esse presente é a massa de elementos que, por alguma razão (traumática ou extrema proximidade), não conseguimos vivenciar (AGAMBEN, 2009).

A atenção voltada a essa não vivência constitui a vida do contemporâneo, e ser contemporâneo significa, portanto, retornar a um presente no qual nunca estivemos. Partindo dessa concepção, percebemos que o tempo do contemporâneo transcende a noção de "aqui e agora", estendendo-se para além da dimensão cronológica do relógio (AGAMBEN, 2009). Portanto, refletir sobre o contemporâneo implica contemplar o que não está imediatamente presente, dirigindo o olhar para as lacunas, furos e buscando compreender os processos subjetivos subjacentes a essas ausências, bem como suas ramificações e questões associadas. Partindo destes pontos entendemos ser impossível pensar a contemporaneidade sem pensar o neoliberalismo, uma vez que esse se torna a racionalidade do nosso tempo, isso é, uma forma de ser e estar no mundo (DARDOT & LAVAL, 2016). Investigar como o neoliberalismo impacta na subjetividade contemporânea se mostra um terreno fértil para a exploração do conceito de pulsão de morte, pois, como bem nos aponta Dejours (2004), a subjetividade é atravessada pelas pulsões e as relações entre sofrimento e pulsão são bem mais estreitas do que se parece.

Nessa pesquisa propomos, como questão central, investigar de que maneira a pulsão de morte é instrumentalizada pelo neoliberalismo na constituição das subjetividades contemporâneas e, simultaneamente, como esse conceito pode abrir possibilidades para romper com certos imperativos e sugerir novos caminhos. Para alcançar esse objetivo, esta pesquisa buscou responder às seguintes questões, que também orientaram os objetivos específicos: (i) Como o conceito de pulsão de morte é tratado por Freud e Lacan, e quais são seus desdobramentos no contexto atual? (ii) Quais são os imperativos neoliberais e como eles atuam na constituição da subjetividade contemporânea suscitando novas formas de sofrimento? (iii) Diante dessas formas de sofrimento, como os sujeitos “gerenciam” a pulsão de morte? (iv) Qual é o papel da pulsão de morte na manutenção ou resistência aos imperativos neoliberais?

A fim de abordar essas questões, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro visa introduzir e desenvolver o conceito de pulsão de morte na psicanálise, desde sua formulação por Freud até a reformulação lacaniana. Discutimos a relação intrínseca entre a sexualidade e a pulsão de morte, além das influências filosóficas e biológicas na teoria freudiana e suas implicações clínicas, visando conectar o conceito às dinâmicas contemporâneas de subjetividade.

No segundo capítulo, analisamos os impactos do neoliberalismo e do individualismo na formação das subjetividades contemporâneas, com ênfase nas dinâmicas do trabalho e nas relações sociais. Exploramos o neoliberalismo como uma racionalidade que modela práticas políticas e subjetivas, gerando dinâmicas de sofrimento psíquico. Identificamos certos imperativos característicos do nosso tempo, como a valorização da individualidade, da competição, da produtividade e do sucesso material, e examinamos como esses valores produzem modos específicos de ser e estar no mundo. Nesse contexto, destacamos a lógica do "empreendedor de si", que incentiva a autoexploração como parte do projeto de vida.

Além disso, abordamos os impactos das redes sociais na esfera profissional e pessoal, destacando como a autopromoção e a construção de uma marca pessoal se tornaram centrais para o sucesso. Observamos que a pressão por visibilidade online contribui para um mal-estar emocional, frequentemente manifestado em condições como burnout e ansiedade. Por fim, o capítulo propõe a psicanálise como uma possibilidade de resistência a esses imperativos neoliberais, oferecendo ferramentas para questionar e subverter os padrões de subjetivação impostos por essa lógica.

No terceiro capítulo, exploramos a pulsão de morte no contexto contemporâneo, conectando-a ao neoliberalismo e suas dinâmicas. Inicialmente, discutimos como a pulsão de

morte, que emerge da repetição e da busca por satisfação excedente, foi instrumentalizada pelo neoliberalismo para alimentar ciclos de desempenho, consumo e autoexploração. Esse sistema estimula os sujeitos a perseguirem constantemente metas insaciáveis, o que resulta em exaustão emocional. No entanto, o capítulo também aborda o potencial criativo da pulsão de morte. Em vez de ser exclusivamente destrutiva, ela pode ser uma força de renovação e transformação, gerando novas formas de subjetivação e criação. Ao reconfigurar o campo pulsional, a pulsão de morte permite que o sujeito transforme a repetição destrutiva em algo singular e criativo, desafiando as limitações do neoliberalismo. Por fim, argumenta-se que essa pulsão não deve ser vista como uma busca pela destruição, mas como uma possibilidade de morrer "de outra maneira", encontrando na finitude um espaço para a reinvenção e a permanência por meio de criações que transcendem o indivíduo.

Por último, esta dissertação propõe a psicanálise como uma ferramenta de resistência aos imperativos neoliberais, possibilitando a reflexão e transformação das formas de subjetivação impostas pelo sistema atual.

Sobre o pesquisar

Fazer pesquisa em psicanálise tem suas particularidades, além da prática clínica, a psicanálise, ao longo de sua história, tem ocupado diferentes espaços, em destaque a universidade, na qual vai encontrar suas principais críticas, muitas vezes questionando sua cientificidade. No entanto, é importante considerar que a psicanálise é um método de investigação e leitura que possui seus próprios critérios e as críticas a ela feitas, está muito mais implicada em debates políticos do que propriamente epistemológicos (IANINI, 2007).

No que tange a esta questão, podemos afirmar que a psicanálise enfrenta desafios em relação à sua validação científica, como se essa dependesse da aprovação de um saber superior (DUNKER, 2020). Entretanto, sua relevância está para além deste debate, a pesquisa em psicanálise possibilita a abertura de novos diálogos e novas formas de investigação, possibilitando uma melhor compreensão das formas de subjetividade que encontramos no nosso tempo.

Portanto, podemos entender a psicanálise como forma de investigação e tática de leitura, como propõe os autores Dunker; Paulón e Milan-Ramos (2016). Tomar a psicanálise como instrumento de leitura e investigação, como guia teórica, não significa utilizá-la de maneira linear e aplicada, pelo contrário, cabe também possibilitar “mostrar como a prevalência doutrinária de certas concepções vigentes no campo psicanalítico funcionam como obstáculo crucial para a escuta das novas formas de subjetividade” (BIRMAN, 2019,

p.19). Partindo desses pontos, vale destacar que, sob essa perspectiva, os problemas teóricos não preexistem a nós; o que transforma algo em um objeto teórico é o surgimento de questões a partir dele. A escrita, assim, pode ser vista como uma espécie de artesanato do pensamento teórico e reflexivo. Em outras palavras, nessa visão, não há um dado ou objeto pré-existente a ser investigado ou revelado; o objeto se constitui ao longo do processo de pesquisa.

Assim sendo, neste trabalho não partimos do pressuposto que haja uma verdade em si, mas no esforço de investigar como as coisas vieram a ser, entendendo que nossa história é atravessada por lutas e pulsões. Como bem aponta Foucault (1984/2019): “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p. 13). Não seria possível uma investigação psicanalítica que não considere que a história é descontínua, como aponta Freud (1920/2020) “Só aqueles crédulos que exigem da ciência um substituto para o ceticismo abandonado levarão a mal o pesquisador por desenvolver ou até mesmo reformular seus pontos de vista” (p.205). Nesse sentido, podemos entender que o progresso científico está intimamente ligado à capacidade de revisar, refinar ou até mesmo substituir ideias previamente aceitas. É desta postura epistemológica que escrevo este trabalho. Que a coragem de Freud em reformular toda sua teoria nos alcance para seguirmos pensando uma psicanálise viva e a altura do nosso tempo.

Ademais, vale destacar que o pensamento é um ato anacrônico, portanto, o que podemos diante desse eclipse fundado nas dinâmicas do neoliberalismo? Perguntar se é possível validar o pensamento que não seja aquele que reforça a própria incapacidade de pensar e produzir fissuras na paisagem naturalizada da pós-graduação é um desafio à parte. Para sustentar tal desafio, a presente dissertação teve a psicanálise como instrumento fundamental de leitura e investigação, uma guia teórica.

Ressaltamos que essa forma de leitura e escrita não é aqui tratada como uma metodologia, o que pode levar o leitor a se perguntar: qual então sua utilidade? Deveríamos avaliá-la não por sua utilidade ou validade, mas por seu valor, valor no sentido nietzschiano, de potência, o que pode tal pensamento? Não há um conjunto de regras prévias que garantam um fim verdadeiro. Seu valor está na abertura à suspeição daquilo que foi assentado como verdade, este é seu valor, poder pensar o pensamento social numa perspectiva de transformação do mundo. Benjamin (1982/2018) aponta que se deve escrever para pensar, para transformar o pensamento. Transformar o pensamento e o que se é e não comunicar o pensamento e a norma. O pensamento se dá na escrita e a escrita é inscrição de incompletude, intervalo, uma experiência e experiência é qualquer coisa de onde se sai transformado ou

como traz Larrosa (2003): “A experiência é isso que me passa”. Portanto, partilhamos tal pensamento, de que escrevemos para mudar a nós mesmos e não para pensarmos o mesmo de antes.

Além disso, como já se deve saber, a psicanálise não se ensina, se transmite (BIRMAN, 2017), se esse trabalho conseguir transmitir algo de novo ao leitor, terá tido êxito, pois entendemos, assim com Birman (2017), que:

É nesse estado nascente que descobrimos sempre o que é a psicanálise, seja como analisante, seja como analista. Isso porque, mesmo sendo já analista, este não é nunca instituído de forma absoluta e totalizante, de maneira que redescobre sempre a psicanálise em cada nova experiência analítica em que se implica de forma inesperada (p.455 e 456).

A escrita psicanalítica deve, portanto, trazer em sua tessitura as marcas de sua própria construção, daquilo que a tornou possível, evidenciando a originalidade inerente à psicanálise. É justamente essa característica que a diferencia de outras formas de escrita. Dessa forma, a escrita psicanalítica se define pela singularidade de seus enunciados, nos quais se fazem presentes tanto a corporeidade do autor, quanto as marcas incontornáveis do inconsciente. A impessoalidade e a neutralidade — características estilísticas e posturais comuns nos discursos científicos e filosóficos —, na psicanálise, não seriam apenas paradoxais, mas um verdadeiro equívoco (BIRMAN, 2017).

Por fim, como bem aponta Birman (2017), o escrito psicanalítico é, em essência, uma aventura incessantemente recomeçada, por meio da qual os analistas buscam transmitir algo da experiência analítica propriamente dita. Assim, a transmissão da psicanálise como saber se concretiza em sua especificidade e densidade singulares.

1. ENTRE EROS E *THANATOS*: UM RETORNO À PULSÃO DE MORTE

“Os que se deixam parecer mortos amam mais a vida do que aqueles que gritam uma vitalidade compulsiva.”

Vladimir Safatle

Ao introduzir o conceito de pulsão de morte (*Todestrieb*), Sigmund Freud (1920/2020) fez muitos psicanalistas surpreenderem-se, levando a uma divisão profunda na comunidade psicanalítica, a qual achavam sua proposta especulativa demais, biologizante e inútil à prática clínica. Tais percepções fizeram com que a pulsão de morte fosse rejeitada por toda uma geração, como bem nos aponta Iannini e Tavares (2020), antes de ser incorporada por psicanalistas como Melanie Klein, Jean Laplanche e Jacques Lacan, sendo este último o principal articulador deste trabalho.

O conceito freudiano de pulsão de morte foi introduzido em 1920, no capítulo VI do *Além do princípio de prazer*, colocando em jogo não apenas uma reformulação do dualismo pulsional, mas a reformulação do próprio conceito de pulsão, conceito esse fundamental para a psicanálise. Segundo Freud (1920/2020), a pulsão é uma pressão inerente ao organismo vivo para restaurar um estado anterior, que foi abandonado devido à influência de forças externas perturbadoras. Essa pulsão pode ser vista como uma forma de elasticidade orgânica ou, se preferirmos, como a manifestação da inércia na vida orgânica. Essa definição sublinha a natureza conservadora do ser vivo.

O que muda a partir desta definição? Segundo Birman (2023), que o organismo não suporta se manter vivo e busca a morte, pois, em última instância, deseja livrar-se completamente de qualquer excitação. O ser vivo ansiaria, enfim, retornar ao reino do inorgânico, onde não seria mais perturbado pelas excitabilidades, podendo assim alcançar um estado de imobilidade absoluta. Dito de outra forma, no limite, a existência busca diluir-se no nada, cessando a incessante dança da vida, citando Freud: “A meta de toda vida é a morte, e, remontando o passado: O inanimado esteve aqui antes do vivo” (p. 137, 1920/2020).

Podemos, portanto, afirmar que o discurso freudiano introduz radicalmente uma nova leitura sobre a vida, que contraria os cânones positivos da biologia da época, inscrevendo a presença de um fantasma de morte no interior da própria vida. A partir desse ponto, Freud (1920/2020) passou a distinguir duas espécies de pulsões: aquelas que buscam conduzir a vida à morte e as pulsões sexuais, que continuamente promovem a renovação da vida. Essa distinção reflete uma separação clara entre as pulsões do Eu, associadas à morte, e as pulsões

sexuais, associadas à vida. Os opostos passaram a ser nomeados não mais como pulsões do Eu e pulsões sexuais, mas como pulsões de vida e pulsões de morte (FREUD, 1920/2020).

Segundo Birman (2023), a filosofia da vida que sustenta o discurso freudiano é essencialmente mortalista, fundamentada nos pressupostos teóricos da biologia de Bichat. Para este autor, a vida é composta por um conjunto de forças que lutam incessantemente contra a morte. Isso implica que o movimento em direção à morte é primordial no organismo, e a vida, para se estabelecer, precisa travar um combate constante e persistente contra essa tendência. Nesse contexto, Freud (1920/2020) traz a ideia de uma luta eterna entre Eros (pulsão de vida) e *Thanatos* (pulsão de morte). Ele utilizou essas figuras mitológicas para articular sua visão de que a vida psíquica humana é governada por uma luta constante entre essas forças. Eros (deus do amor e do desejo sexual) representa a pulsão de vida, que inclui todos os impulsos que visam a preservação, a sobrevivência, a reprodução e o prazer. A força que busca a continuação da vida, a ligação entre os seres humanos e o prazer sexual (libido). *Thanatos* (personificação da morte), por outro lado, refere-se à pulsão de morte como a tendência inerente dos seres vivos a retornar ao estado inorgânico, ou seja, à morte. Essa pulsão está associada a comportamentos destrutivos, agressivos e autodestrutivos.

No entanto, vale destacar, como bem aponta Tomšič (2019), que Bichat não identificou a compulsão à repetição no fenômeno da resistência, um aspecto essencial para Freud. No cenário bio-ontológico especulativo freudiano, a diferença entre vida e morte é internalizada, e a própria morte adquire um novo significado. Ela não mais simboliza o fim da vida no sentido comum, mas sim a vida que se esforça por gerar mais vida, pela produção de um excesso de vida dentro da própria vida, sustentada por uma falta de vida inerente a ela. Esse "excesso de vida" pode ser entendido como a pulsão criativa e expansiva, mas que, ao mesmo tempo, está vinculada à pulsão de morte, assim, vida e morte se entrelaçam: a vida não é apenas a presença de vitalidade, mas também inclui essa tensão interna com a falta, com a morte, que paradoxalmente a impulsiona a continuar. Portanto, a vida e a morte não são opostos absolutos, mas aspectos interdependentes da existência, com a morte adquirindo um novo significado como parte do processo contínuo da vida, o qual é, ao mesmo tempo, alimentado e limitado por essa falta estrutural. Como aponta Noto (2021), a vida está, em alguma medida, a serviço da morte, logo não estaríamos diante de um monismo, mais do que um dualismo pulsional? Não poderíamos afirmar que toda pulsão é pulsão de morte?

Aqui chegamos em um ponto crucial para avançarmos no trabalho, o conceito psicanalítico da pulsão de morte está intimamente ligado à sexualidade (as "pulsões sexuais", que Freud entende como "pulsões de vida"). Segundo Zupančič (2023), é precisamente no

domínio da sexualidade que encontramos a chave para compreender a lógica da transição do conceito original de Freud para o conceito lacaniano de pulsão de morte.

Para entender a transição do conceito freudiano para o lacaniano da pulsão de morte, é crucial considerar o conceito freudiano de sexualidade e sua relação com o inconsciente. Enquanto Freud insiste que, em última análise, todas as pulsões são sexuais (ou que as pulsões são, por definição, sexuais), Lacan (1964/2008) afirma que toda pulsão é virtualmente uma pulsão de morte. Segundo Zupančič (2023), o "elo perdido" entre essas duas ideias é simplesmente o seguinte: “a morte é o que espreita no meio das pulsões sexuais. Não como sua meta, mas como uma magnitude negativa ou um sinal de menos nelas implícito e repetido por elas” (p.167).

Podemos entender, portanto, que a "morte" espreita dentro das pulsões sexuais não como um objetivo final, mas como uma "magnitude negativa" — um elemento de falta ou perda implicitamente presente e repetido nas pulsões sexuais. Isso significa que, embora as pulsões sexuais estejam voltadas para o prazer e a vida, elas carregam consigo um traço de negatividade, uma dimensão destrutiva que Lacan identificou como característica da pulsão de morte. Dito de outra maneira, as pulsões sexuais, embora direcionadas à vida e ao prazer, contêm em si uma dimensão de morte.

Para melhor entender esse ponto, retomemos *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* de Jacques Lacan (1964/2008), em que ele aponta que as pulsões sexuais se manifestam na psique como pulsões parciais, fragmentadas. Essas pulsões são influenciadas por um "fator econômico", que depende de como o princípio do prazer opera, um conceito que Lacan associa ao "*Real-Ich*" (Eu Real). O Eu Real pode ser visto como o sistema nervoso central, cuja função principal não é interagir com o mundo externo, mas manter a homeostase interna das tensões. Devido a essa função homeostática, a sexualidade aparece na psique em formas parciais. A pulsão é, assim, o mecanismo pelo qual a sexualidade se integra à vida psíquica, sempre marcada pela lacuna característica do inconsciente. Dito de outra forma, o que Lacan destaca é que a sexualidade humana é sempre incompleta, mediada por fragmentos e atravessada por lacunas. Ela não é integrada como um todo funcional, mas expressa em pedaços, conforme os princípios econômicos que regem o inconsciente. Isso revela a complexidade e a falta constitutiva do desejo humano.

Retomemos Freud (1910/2013), o pai da psicanálise assegura que, em geral, as pulsões sexual e de autoconservação compartilham os mesmos órgãos como fonte. A boca, por exemplo, desempenha a função de alimentação, relacionada à pulsão de autoconservação, mas também é a origem do prazer sexual, como no ato de beijar. De maneira semelhante,

Freud (1910/2013) observa que "os olhos percebem não apenas as alterações no mundo exterior importantes para a preservação da vida, mas também as características dos objetos que os tornam elegíveis como objetos de amor" (p. 319). Assim, as pulsões sexual e de autoconservação direcionam-se a duas funções distintas de um mesmo órgão, funções que precisam estar em equilíbrio. Caso ocorra um desequilíbrio e uma das funções predomine, impondo exigências excessivas, a outra tende a ser rejeitada. Esse desequilíbrio pode ser observado em certos desarranjos psicogênicos da visão, nos quais há um excesso de "prazer sexual em olhar". Nesses casos, o Eu perde o domínio sobre o órgão, que passa a estar completamente subordinado à pulsão sexual reprimida. A intensidade do interesse sexual pelo ato de ver pode levar o Eu a nada mais querer enxergar, como pode ser observado em alguns casos de cegueira histórica, por exemplo.

A pulsão, então, não busca uma finalidade completa, mas encontra satisfação no próprio ato de repetição, influenciada pelo princípio do prazer. Esse movimento é uma forma de lidar com as tensões internas, e sua repetição constante reflete a lacuna ou a falta que caracteriza o inconsciente. Mesmo sem estar direcionado para um objetivo final, o ato de olhar pode ser uma maneira pela qual a sexualidade, em sua forma fragmentada, se integra à vida psíquica, evidenciando a complexidade das pulsões. Nesse sentido, a pulsão é apresentada como a maneira pela qual a sexualidade interage com a vida psíquica, mas ela é sempre modulada pela "hiância" (lacuna, falta) inerente ao inconsciente. Lacan (1964/2008), então, faz uma ligação entre a estrutura da pulsão e os processos de recalque e formação de sintomas. Ele argumenta que tanto o recalque, quanto os sintomas podem ser compreendidos como formados por significantes (unidades de significado). Embora essas formações se desenvolvam ao longo do tempo, de maneira diacrônica, também podem ser analisadas sincronicamente, ou seja, como uma estrutura total em um momento específico. A interpretação analítica, segundo ele, foca em um aspecto estrutural particular relacionado à metonímia – figura de linguagem em que um termo ou conceito é substituído por outro com o qual mantém uma relação de proximidade. No final das contas, essa interpretação aponta para o desejo. Em outras palavras, interpretar é revelar o desejo, fundamental na experiência analítica².

Podemos entender, portanto, a partir do que o Lacan traz a respeito da sexualidade, que a pulsão sexual nunca é plenamente satisfeita, o que a caracteriza como uma pulsão

² O presente trabalho não se propõe em aprofundar nesses pontos levantados, mas para aqueles que tiverem interesse, recomendamos a leitura do livro da psicanalista Luciana K. P. Salum, *Lacan e a estrutura da cadeia significativa* (2024).

parcial, cujo verdadeiro alvo é o retorno ao seu próprio circuito. O que diferencia essa satisfação do simples autoerotismo da zona erógena é o objeto envolvido, que frequentemente confundimos como o foco da pulsão. Freud (1905/2016) nos diz que esse objeto é, na verdade, apenas a presença de um vazio, um espaço a ser ocupado. Nesse sentido, o problema não reside na finitude da vida, no fato inevitável de que tudo deve passar, mas sim no paradoxo de que, embora essa finitude busque autopreservar-se, sua incompletude ontológica (esse espaço a ser ocupado) é manipulada para sustentar uma demanda infinita e insaciável por um gozo excedente. A pulsão revela uma "oposição" da vida contra a própria vida, indo além da simples oposição entre vida e morte, transcendendo o princípio do prazer, já que este ainda opera dentro da dualidade entre prazer e desprazer. Nesse domínio que ultrapassa o princípio do prazer, a aparente oposição é desmascarada, mostrando seu caráter ilusório, e o desprazer, ou o que o sujeito vivencia como desprazer, emerge como outra fonte de prazer (TOMŠIČ, 2019).

A pulsão de morte, portanto, nos mostra como o sofrimento pode se tornar uma fonte de prazer, um fenômeno refletido nas dinâmicas subjetivas do neoliberalismo. Nesse contexto, as formas de subjetividade contemporâneas são moldadas pela busca constante por prazer e reconhecimento, frequentemente sustentada por estruturas de sofrimento e competição. Assim, compreender o impacto do neoliberalismo nas subjetividades exige uma análise das contradições que permeiam as relações de trabalho no contemporâneo.

Se a pulsão de morte, como vimos até aqui, se manifesta na repetição, na insistência de um gozo que ultrapassa o princípio do prazer, torna-se fundamental investigar como essa dinâmica é mobilizada nas formas contemporâneas de subjetivação. O neoliberalismo, mais do que um modelo econômico, opera como uma racionalidade que penetra o tecido social e psíquico, reorganizando os modos de desejar, trabalhar e existir. Nesse contexto, a pulsão de morte encontra novas vias de expressão: o imperativo de desempenho, a autoexploração e a incessante busca por produtividade parecem converter a repetição em uma engrenagem que sustenta o próprio sistema. Assim, o que antes Freud identificava como um conflito entre Eros e Thanatos, hoje se traduz na tensão entre um ideal de realização individual e as formas de sofrimento que dele decorrem. No próximo capítulo, exploramos como essa lógica neoliberal molda as subjetividades e aprofunda o mal-estar.

2. NEOLIBERALISMO E AS DINÂMICAS DO MAL-ESTAR

“As pessoas sabem aquilo que elas fazem; frequentemente sabem por que fazem o que fazem; mas o que ignoram é o efeito produzido por aquilo que fazem.”

Michel Foucault

O mal-estar, tal como formulado por Freud em *O Mal-Estar na Cultura* (1930/2020), nasce da tensão inevitável entre os impulsos pulsionais e as exigências da civilização. A cultura, ao impor restrições ao gozo e orientar a energia psíquica para fins socialmente aceitos, gera frustração e sofrimento, pois o sujeito se vê capturado entre seus desejos inconscientes e as normas que os limitam. No entanto, Freud identifica que esse mal-estar não decorre apenas da repressão do desejo, mas da própria estrutura da pulsão de morte, que opera no coração da vida psíquica, promovendo repetições e retornos sintomáticos. No contexto neoliberal, essa lógica se intensifica: a cultura não apenas reprime, mas instrumentaliza a pulsão de morte, convertendo a compulsão à repetição em uma exigência incessante de produtividade, performance e autoexploração. Assim, longe de ser meramente um efeito colateral do sistema, o mal-estar contemporâneo revela-se uma engrenagem fundamental da lógica neoliberal, onde a pulsão de morte se manifesta na exaustão subjetiva e na perpetuação de um ciclo de sofrimento que impede qualquer ruptura. O esgotamento, a ansiedade, o colapso subjetivo e a medicalização da angústia são expressões contemporâneas de uma pulsão que, ao invés de ser simbolizada ou elaborada, é colocada a serviço da repetição mortífera da lógica de desempenho e do imperativo produtivo.

Dessa forma, ao investigar os efeitos do neoliberalismo na constituição das subjetividades, seguimos explorando as formas como a pulsão de morte atravessa e estrutura a experiência do sujeito no mundo contemporâneo, portanto, no presente capítulo, buscamos explorar os efeitos do neoliberalismo e da cultura individualista na constituição das subjetividades contemporâneas e seus impactos no trabalho. Partimos do entendimento de que as formas de trabalhar, viver e nos relacionar assumem configurações distintas dentro e fora do contexto neoliberal. Assim, as estruturas de dominação social, as relações de poder, o sofrimento e as dinâmicas de reconhecimento demandam uma análise atenta às particularidades impostas por esse cenário. Neste sentido é fundamental uma leitura que atravessa o nosso tempo e a cultura em que vivemos. Para isso, se torna importante apontar de onde parto neste debate.

Neste capítulo, o neoliberalismo será analisado a partir da perspectiva de Dardot e Laval (2016), que argumentam ser ele, antes de uma ideologia ou política econômica, uma racionalidade. Sendo assim, configura-se como uma prática de governança que molda e organiza não apenas as ações dos governantes, mas também a própria conduta dos governados. Ainda segundo os autores, o neoliberalismo pode ser definido como “o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (p. 17). Nesse sentido, é fundamental entendermos que o neoliberalismo se comporta não apenas como um modelo econômico, mas como uma forma de ser e estar no mundo, onde a concorrência e o individualismo são a base das relações e da organização dos corpos. Assim sendo, podemos entendê-lo para além de um simples estágio do capitalismo, ele adentra a subjetividade e as dinâmicas de poder. Neste sentido, concordo com a ideia proposta por Franco (2024), que pensa a governamentalidade³ neoliberal enquanto um dispositivo⁴, o cito:

Tal conceito, forjado por autores como Sueli Carneiro, Michel Foucault e Gilles Deleuze, tem a vantagem de lançar luz sobre as dinâmicas heteróclitas de composição de saberes, poderes e subjetividades, que são metaestáveis - podendo se modificar a cada momento, segundo as necessidades estratégicas - e, ao mesmo tempo, crivadas internamente por tensões capazes de produzir efeitos incalculáveis pela racionalidade do dispositivo. Pensar o neoliberalismo como um dispositivo significa, portanto, privilegiar seu caráter híbrido ou polimórfico em detrimento das interpretações que o definem exclusivamente como um modo de regulação específico de uma determinada fase do capitalismo a ser sucedido in *totum* por outro modo em outra fase. (p. 14, 2024)

Essa citação destaca o caráter dinâmico do neoliberalismo, permitindo concebê-lo não apenas como um modelo socioeconômico, mas também como um gestor do sofrimento psíquico. Nesse contexto, categorias morais e psicológicas são mobilizadas como pressupostos da ação econômica. Em outras palavras, as ações econômicas nem sempre se justificam por sua eficácia, mas pela sua suposta legitimidade moral (SAFATLE, 2020). Na contemporaneidade, é comum, por exemplo, encapsular uma visão política que busca combinar elementos do conservadorismo social com princípios econômicos liberais. Neste aspecto, encontramos sujeitos que assumem uma posição em que se defende políticas sociais tradicionalmente associadas ao conservadorismo, como valores familiares, moralidade e

³ Forma como o poder é exercido e como a governança se organiza, abrangendo não apenas as práticas políticas tradicionais de governo, mas também as maneiras mais sutis e amplas pelas quais os indivíduos e grupos são moldados e controlados na sociedade.

⁴ O conceito de dispositivo refere-se a um conjunto heterogêneo de elementos que incluem práticas, discursos, instituições, regras, normas e mecanismos de poder, organizados de maneira a regular e influenciar a conduta dos indivíduos. O dispositivo não é apenas uma estrutura fixa, mas sim uma rede dinâmica de relações que envolve diferentes componentes, como práticas discursivas, políticas, científicas e sociais, que se articulam para exercer poder e controle.

tradições culturais, enquanto, ao mesmo tempo, advoga por políticas econômicas liberais, caracterizadas pela ênfase na livre iniciativa, mercado livre e limitação da intervenção do Estado na economia.

2.1 Desistir não é uma opção: O mal-estar do empreendedor de si

Em uma sociedade que a viabilidade da economia de mercado depende fundamentalmente do suporte de uma comunidade que forneça os modos de ser e estar, os valores e os desejos necessários para seu funcionamento, a lei, por si só, não é suficiente, os costumes também desempenham um papel crucial (DARDOT & LAVAL, 2016). No lugar de proibições, mandamentos ou leis, observa-se a prevalência de projetos, iniciativas e motivações (HAN, 2017). Se, no período clássico, os corpos eram controlados pela lei, hoje o poder não se limita à soberania ou ao direito de punir e matar. Ele se desloca para gerir a vida, regulando aspectos essenciais da existência humana, como o nascimento, a saúde, a higiene, a sexualidade e a morte (FOUCAULT, 1979/2019).

Se não existe mais um algoz a quem possa culpar, o sujeito contemporâneo percebe-se livre da instância externa de domínio que o obrigaria a trabalhar ou o exploraria. Isso cria a ilusão de que não está subordinado a ninguém, ou está submisso apenas a si mesmo, diferenciando-se do sujeito de obediência. No entanto, a queda da instância dominadora não resulta em liberdade. O explorador e o explorado, agressor e vítima, tornam-se indistintos, gerando uma autorreferencialidade que culmina em uma liberdade paradoxal, transformando-se em violência devido às estruturas coercitivas inerentes. O senhor, na sociedade contemporânea, converte-se em escravo do trabalho, e cada indivíduo carrega consigo seu próprio campo de trabalho nessa comunidade coercitiva (HAN, 2017). A peculiaridade desse campo é cada um ser simultaneamente prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, a exploração de si torna-se possível mesmo na ausência de um senhorio. Pensemos nos trabalhadores de aplicativos como *Uber* e *iFood*, a exploração de si manifesta-se enquanto esses trabalhadores são compelidos a gerenciar autonomamente suas jornadas, sem a supervisão direta de um chefe ou patrão. Embora não haja uma figura de "senhorio" impondo ordens, eles assumem a responsabilidade de maximizar sua própria produtividade, regulando seu tempo e esforço conforme as exigências do mercado. A constante pressão para estar disponível e gerar renda de forma contínua leva muitos a trabalharem longas horas, frequentemente sem proteção de direitos trabalhistas, resultando em um ciclo de autocobrança e esgotamento físico e mental. Essa lógica de "empreendedorismo de si" exemplifica como a exploração se torna autoimposta, dispensando a necessidade de

uma autoridade externa, à medida que os trabalhadores internalizam os valores de produtividade e competição característicos do sistema neoliberal.

Reiterando os pontos levantados até aqui, vale destacar que, como bem aponta Carla Freeman (2014), no neoliberalismo o empreendedorismo se torna um modo de vida, uma forma de subjetivar-se, na qual o sujeito se vê enquanto uma empresa, buscando independência, autossuficiência e poder de escolha. Tal ideia vai ao encontro do pensamento de Dardot e Laval (2016), que afirmam que todos nós, de fato, somos empreendedores, ou melhor, aprendemos a cultivar o espírito empreendedor. É por meio do jogo de mercado que adquirimos a habilidade de nos autogerir como empreendedores. Isso implica que, ao percebermos o mercado como um espaço livre para os empreendedores, todas as relações humanas podem ser influenciadas por essa dimensão empresarial, que é constitutiva da essência humana.

Isso significa que cada indivíduo deve aprender a ser um sujeito “ativo” e “autônomo” na e pela ação que ele deve operar sobre si mesmo. Dessa forma, ele aprenderá por si mesmo a desenvolver “estratégias de vida” para aumentar seu capital humano e valorizá-lo da melhor maneira. “A criação e o desenvolvimento de si mesmo” são uma “atitude social” que deve ser adquirida, um “modo de agir” que deve ser desenvolvido, “para enfrentar a tripla necessidade do posicionamento da identidade, do desenvolvimento de seu próprio capital humano e da gestão de um portfólio de atividades”. Essa atitude empresarial deve valer para todos, não apenas para empresários ou autônomos. Todos, com a ajuda de “consultores em estratégias de vida”, dependem dessa formação especializada em empresa de si mesmo...” (DARDOT & LAVAL, p.337 e 338, 2016)

Tornar-se “empreendedor de si mesmo” implica alcançar uma independência em que o indivíduo é caracterizado como um agente econômico autônomo. Esse indivíduo está constantemente atento a um mercado dinâmico, ao mesmo tempo em que é incentivado a buscar introspecção, autodomínio e realização pessoal (FREEMAN, 2014). Seria na figura do empreendedor e no rápido e recente desenvolvimento dos modos de ação empreendedora que o heroísmo assume sua forma predominante. O empreendedor foi elevado à condição de modelo de vida heroica porque encapsula um estilo de vida que coloca a assunção de riscos no comando. Ele molda o indivíduo como heroico, alguém que assume riscos em vez de procurar proteger-se por meio das instituições do Estado-providência, alguém que busca agir sobre si mesmo em vez de ser dirigido por outros (EHRENBERG, 2010).

Esses imperativos não apenas demandam a atualização constante e a aquisição de novas competências, mas também exigem a coragem de abandonar rotas tradicionais de ascensão. Além disso, envolvem uma dimensão interna de individualidade e autoconstrução flexível, por meio de empreendimentos onde a acumulação de capital deixa de ser um fim em si mesma, tornando-se um meio para a reinvenção. Tal reinvenção, como nos aponta Freeman

(2014), abrange diversas dimensões: produtor, consumidor, cidadão e ser social, além de um indivíduo responsável por seu próprio sustento, corpo, mente e alma. Na era do capitalismo tardio, cada vez mais recai sobre o indivíduo a responsabilidade de controlar seu próprio destino econômico, social e pessoal. Espera-se que os trabalhadores se ajustem rapidamente às demandas do mercado por meio de atualizações constantes; que as empresas criem nichos especializados, serviços personalizados e produtos inovadores; e que os acadêmicos atuem de forma estratégica e empreendedora em suas publicações, utilizando novas mídias e tecnologias digitais para ampliar o alcance do público, gerar receita para as universidades e justificar os custos (FREEMAN, 2014).

Nesse contexto, é exigido que a individualidade seja genuinamente acessada por meio da efetivação de ações. A democratização da visibilidade não se restringe mais ao confortável consumo da vida privada, ela penetrou na esfera pública sob a perspectiva de um desempenho que estimula cada indivíduo a se individualizar, a se tornar ele mesmo. Cada pessoa deve aprender a se autogerir e a encontrar as orientações para sua existência dentro de si mesma, tendo como um dos efeitos a dificuldade de construir coletivos (EHRENBERG, 2010). Nesse contexto, o corpo é percebido como um resultado de escolhas, estilos e modelagens. Cada indivíduo assume a responsabilidade por seu próprio corpo, recriando-o e transformando-o de acordo com sua vontade. Este representa o novo discurso relacionado ao prazer e ao desempenho, que impõe ao indivíduo a tarefa de conceber um corpo que constantemente ultrapasse suas atuais capacidades de produção e satisfação.

Ademais, cada sujeito foi induzido a pensar em si mesmo e agir, em todas as áreas de sua vida, como um capital que deveria ser valorizado, exemplos dessa "capitalização da vida individual" são: a busca por estudos universitários pagos; a formação de uma poupança individual para a aposentadoria; a aquisição da casa própria; e os investimentos de longo prazo em títulos da bolsa, levando por vezes ao endividamento do sujeito, no qual a dívida passa a ser uma espécie de subordinação política (LAZZARATO, 2014). Conforme essa lógica ganha espaço na classe trabalhadora, mina gradualmente as lógicas de solidariedade e abre espaço para a concorrência. Neste sentido, o trabalhador contemporâneo se vê constantemente submetido a processos de autoavaliação pautados pelos vocabulários do rendimento, da performance, do desempenho e da quantificação do interesse em relação a si mesmo. Longe de despertar revolta contra uma lei repressiva, essa dinâmica produz uma implosão depressiva, resultado da constante exigência de performances extremas e de uma injunção ao gozo irrestrito que jamais se concretiza plenamente. Tudo o que não se ajusta a essa lógica é percebido como um risco ao funcionamento, à liberdade e, em última instância,

como algo a ser patologizado. Em resposta, prevalecem defesas narcísicas, agressivas, violentas e segregadoras (SAFATLE, 2024). Contudo, como bem aponta o autor, é pertinente questionarmos quais transformações sociais foram necessárias para os sujeitos passarem a se autoperceber dessa forma. Trata-se de uma "escolha individual", de uma decisão deliberada de se verem como gestores de suas próprias habilidades e de seu "capital humano", ou, ao contrário, seria essa configuração o produto de uma violência social brutal, moldada de forma impositiva? Afinal, o "empreendedorismo" não constitui uma forma de liberdade, mas sim uma expressão de violência, uma estratégia que aprofunda o desenraizamento dos sujeitos (Safatle, 2024).

Para somar a essa dinâmica, a concorrência passa a ser o modo de interação interpessoal mais alinhado com a eficácia econômica e, simultaneamente, consoante às exigências morais que se esperam do ser humano. Isso ocorre na medida em que a concorrência possibilita que o indivíduo se afirme como um ser autônomo, livre e responsável por suas ações. O cerne da questão reside na criação de uma dinâmica em que a relação do sujeito individual consigo mesmo seja análoga à relação que o capital mantém consigo mesmo (DARDOT & LAVAL, 2016). Ou seja, o sujeito assume uma postura de autoavaliação, autocontrole e constante otimização de si, como se fosse uma empresa ou um "capital humano". Em outras palavras, o sujeito passa a se ver como um recurso que precisa ser constantemente melhorado, investido e maximizado. Análoga à relação do capital consigo mesmo, o capital, por definição, é algo que busca continuamente se expandir e se reproduzir. O dinheiro é investido em atividades que visam gerar mais dinheiro, acumulando valor. A lógica do capital é, portanto, de crescimento contínuo, adaptação e autopreservação, em que o foco está sempre no aumento da eficiência, da produtividade e do lucro. Isso aparece claramente em práticas comuns como a busca por produtividade, a otimização de habilidades e o gerenciamento da própria imagem nas redes sociais, onde a vida pessoal e profissional se misturam.

2.2 “Eu” marca: Mal-estar do eu influencer

A mistura entre vida pessoal e profissional se acentua cada vez mais, o palco em que essa fusão acontece com maior clareza é o das redes sociais. Em 2024, Chico Felitti e Beatriz Trevisan foram os responsáveis pela criação do *podcast* “*De Saída: A Vida Fora da Internet*”, que explora a relação entre indivíduos e as redes sociais, focando especialmente em pessoas que decidiram se afastar do ambiente digital. A série destaca a busca por Júlia Tolezano, conhecida como Jout Jout, uma das *youtubers* mais influentes do Brasil, que se retirou da

internet há cerca de quatro anos. Ao longo dos episódios, o podcast explora as razões por trás desse afastamento e analisa os impactos das redes sociais na vida das pessoas, além de refletir sobre as consequências de se desconectar do mundo virtual. O episódio final da série é dedicado a profissionais que se veem obrigados a manter uma presença ativa nas redes sociais para alcançar sucesso em suas carreiras.

Esse episódio em questão nos é interessante para ampliarmos as reflexões aqui presentes. Dentre os entrevistados deste episódio estão presentes médicos, psicólogos, educadores, entre outros, profissões que a princípio não precisariam trabalhar na internet. No entanto, se torna cada vez mais imperativo que os trabalhadores sintam a necessidade de estar presentes nas redes sociais para alcançar maior visibilidade e sucesso em suas carreiras. Essa demanda, impulsionada por uma lógica de mercado que valoriza a autopromoção e a construção de marcas pessoais, coloca esses trabalhadores em uma posição paradoxal: ao mesmo tempo em que são exigidos a se dedicarem a suas práticas especializadas, precisam também se engajar em uma jornada dupla como produtores de conteúdo digital, mesmo sem uma formação para isso.

Esse descompasso não apenas sobrecarrega sua rotina de trabalho, mas também pode gerar um sentimento de inadequação e ansiedade, uma vez que a exposição pública e a necessidade de atrair engajamento muitas vezes colidem com a ética e a essência de suas práticas profissionais. Em um dos relatos do *podcast*, a pessoa fala que, ao invés de buscar o currículo dela, as pessoas buscam a rede social, o número de seguidores que ela tem, o número de curtidas, o conteúdo postado, como se isso fosse a garantia de qualidade. Essa relação levou muitos a entrarem em *burnout*, a terem crises de ansiedade e insônia. Assim, a pressão por estar nas redes sociais não é apenas uma questão de adaptação ao mundo contemporâneo, mas também uma reflexão sobre os impactos desse cenário na saúde mental e no desempenho desses trabalhadores. O que levanta uma questão fundamental: é preciso estar nas redes sociais para ter sucesso profissional?

Essa dinâmica contribui para a emergência de novas formas de subjetividade, influenciadas pelo avanço tecnológico, pela midiaticização e pela promoção da produtividade. Isso resulta na formação e ascensão de uma personalidade "alterdirigida" (SIBILIA, 2016), voltada para a atenção externa. Manifestações desse fenômeno podem ser observadas nas redes sociais, como *YouTube*, *Instagram*, *TikTok*, bem como no uso de aplicativos de encontro como *Grindr* e *Tinder*, nos quais o "eu" torna-se mais visível e superficial, orientado para o exterior e em busca de visibilidade, como bem aponta Sibilial (2016).

Ainda segundo a autora, esses movimentos indicam uma autoconstrução de indivíduos como entidades tangíveis, porém simultaneamente ficcionalizadas, resultantes da competência midiática adquirida por cada um ao interagir com a linguagem altamente codificada dos meios de comunicação. Essa competência permite a gestão de diversas estratégias audiovisuais e interativas para controlar a própria exposição perante observadores externos. Tomemos como exemplo deste funcionamento o *podcast* já citado, em que o profissional se vê obrigado a usar as redes sociais como o *Instagram*, para construir uma identidade pessoal e profissional editada para seu público de interesse. Nesse contexto, uma pessoa, ao postar fotos, vídeos e *stories*, está autoconstruindo uma versão de si mesma, moldada por suas interações com a mídia e as expectativas dos outros, principalmente se esses outros forem possíveis “clientes”. Por exemplo, ao criar conteúdo, essa pessoa usa diversas estratégias audiovisuais (filtros, poses, cenários) para parecer de uma certa maneira – seja mais profissional, mais saudável, mais divertida ou até mais feliz. No entanto, essa construção é simultaneamente ficcionalizada porque o que ela exhibe nas redes não necessariamente reflete sua vida real, mas uma versão editada e idealizada de si mesma, selecionada para ser vista por observadores externos, como amigos, clientes, seguidores ou potenciais empregadores. Essa capacidade de “curar” ou selecionar aspectos específicos da própria vida, usando as linguagens codificadas da mídia (como imagens esteticamente agradáveis, legendas motivacionais ou *hashtags* populares), converge ao que Sibilia (2016) menciona sobre a criação de indivíduos como “entidades tangíveis”, mas, ao mesmo tempo ficcionalizadas, moldadas pela interação com o mundo midiático.

A necessidade de otimizar ao máximo o desempenho tornou-se uma premissa subjacente à abordagem da pessoa em relação à sua exposição pública. Expressar-se positiva ou negativamente, criar um conteúdo ou promover produtos são estratégias utilizadas para capitalizar oportunidades, refletindo a corrida para construir a “opinião correta” ou simplesmente criar a piada perfeita. Nesse contexto, a busca pela “viralização” representa não apenas uma aspiração por visibilidade, mas também uma oportunidade de alcançar cidadania, escapar da pobreza e ser adorado por uma audiência em massa (ALVES & LIEDKER, 2023).

É nesse contexto que a ideia de *branding* (marca) emerge como uma ferramenta de manipulação poderosa, amalgamando os aspectos racionais e emocionais. O *branding* infunde emoções em produtos e serviços, levando as pessoas a pagar mais. O aprendizado de como criar um “*marketing* pessoal” e a busca por diferenciação e destaque são cada vez mais evidentes (ALVES & LIEDKER, 2023). A concepção de que devemos nos vender e encontrar nosso diferencial representa uma lógica que transformou a criatividade em uma capacidade de

conquistar audiências e obter alcance. À medida que o neoliberalismo nos leva a assumir características empresariais, o conceito de "marca" emerge como um elemento que alimenta o desejo de integração nesse sistema, uma aspiração por marcar, inserir-se e registrar-se. No rastro deste movimento, as empresas se tornam cada vez mais personificadas, comportando-se como pessoas e as pessoas se tornam cada vez mais emprezarizadas.

Imagem 1: *Trend* das plataformas de *streaming*⁵



A *trend*⁶ acima é um exemplo desta tentativa de humanizar as empresas, nela, grandes marcas como a *Netflix*, *Disney* e *Amazon* conversam como se fossem amigos e ainda contam com a participação do *Torrent*, ferramenta que pirateia filmes e séries. Em contrapartida, os sujeitos se deparam com a aceleração da experiência, característica predominante nas demandas contemporâneas do trabalho, do consumo e das exigências de excelência como condição para o sucesso, o que compromete o tempo necessário para o sonhar.

2.3 Um diagnóstico para chamar de meu: a medicalização do mal-estar.

Esse cenário, editável, com o tempo acelerado, focado na performance e baseado na competitividade, naturalmente implica um custo psíquico significativo para os envolvidos. O sofrimento psíquico não nasce do vácuo, ele está atravessado pela sociedade e pela cultura, a forma como se adoce e como se trata depende do seu tempo. O diagnóstico é, de certa maneira, performático, isto é, cria formas de ser e estar no mundo. Em outras palavras, os

⁵ Imagem retirada do Twitter (atual X).

⁶ Assunto que muitas pessoas estão comentando ao mesmo tempo, fazendo com que ele se destaque na plataforma.

diagnósticos produzem novas subjetividades, entendidas como modos de existir e se situar no mundo, desvinculados de qualquer essência fixa ou estável que defina o ser humano como uma entidade não-histórica e dotada de características metafísicas imutáveis. Essas subjetividades têm contornos maleáveis, sujeitos a mudanças conforme as diferentes tradições culturais. Nesse contexto, Sibilia (2016) destaca um ponto fundamental:

... a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside "dentro" de cada um. Por um lado, ela só pode existir se for *embodied*, encarnada num corpo, mas também está sempre *embedded*, embebida numa cultura intersubjetiva. Certas características biológicas delimitam o horizonte de possibilidades na vida de cada sujeito, mas também é muito o que permanece indeterminado e, portanto, lançado ao imprevisto (p.26).

Desse modo, a experiência individual é profundamente influenciada pela interação com outros indivíduos e com o mundo; portanto, é imperativo reconhecer o papel crucial da cultura na formação de subjetividades. Com base nesta premissa, é razoável supor que alterações nos padrões de interação social e nas pressões históricas que configuram nossa realidade também provoquem mudanças no campo da experiência subjetiva (SIBILIA, 2016). Este processo ocorre de maneira intrincada, complexa e dinâmica, sendo constantemente moldado por fatores múltiplos e variados.

Partindo da ideia de que os diagnósticos produzem uma certa subjetividade, tomemos como exemplo a ansiedade e a depressão, que, segundo a OMS (2022), são responsáveis por 31% e 28,9% dos diagnósticos de saúde mental respectivamente, ocupando juntos mais da metade da diagnose. O que esses números podem nos apontar? Por que tantas pessoas se sentem ansiosas e depressivas no nosso tempo? Claro que, como bem nos lembra Safatle (2024) não há sujeito sem sintoma, ou seja, não existe sujeito sem as marcas de uma socialização que inevitavelmente se entrelaça com formas de alienação. Contudo, há algo no contexto atual que torna o processo de formação social do Eu ainda mais insuportável. As exigências de iniciativa e a responsabilização individual, amplificadas pela precarização social absoluta e pelo colapso de relações elementares de solidariedade no contexto do neoliberalismo, resultaram, na verdade, em um aprofundamento da desagregação psíquica (SAFATLE, 2024).

A lamentação do indivíduo depressivo, que sugere a impossibilidade de realizar qualquer coisa, torna-se viável em uma sociedade que acredita que nada é impossível. O conceito de "não-mais-poder-poder" (HAN, 2017) leva a uma auto acusação destrutiva e à auto agressão. O sujeito contemporâneo encontra-se em uma guerra interna consigo mesmo, e o depressivo é o inválido nesse conflito internalizado. A depressão, assim, representa a

enfermidade de um corpo social sobrecarregada pelo excesso de positividade, refletindo uma humanidade que está em conflito consigo mesma. Outra interpretação interessante sobre esse sintoma é a apresentada por Christian Dunker (2020), que sugere que esses diagnósticos funcionam como uma resposta às moralidades culturais e aos diferentes atravessamentos que as permeiam. Essa perspectiva busca encontrar uma positividade no sintoma, interpretando-o como uma manifestação do mal-estar. Em uma sociedade onde parar não é permitido, o corpo deprime para forçar o eu a desacelerar. No entanto, ao ser diagnosticado, essas relações não são levadas em conta, mas sim vistos enquanto um problema individual do sujeito, as justificativas são muitas: “é falta de terapia”, “é falta de religião”, “não soube gerir seu tempo”, “não toma remédio”, etc, tudo menos um problema estrutural no sistema em que vivemos.

No neoliberalismo existe um esforço em individualizar os processos, desassociando fatores políticos e sociais, fazendo com que o sujeito de forma individualizada busque seu sucesso, o qual tem como maior representante o poder de consumo. Nesse sentido, o ato de consumir se torna imperativo, e consumir aqui não se resume à simples aquisição de bens; trata-se, igualmente, de um processo sociocultural intrincado. Esse processo inicia-se antes da obtenção de qualquer bem e está profundamente entrelaçado às relações e condições de produção. O consumidor encontra-se inserido em um amplo contexto sociocultural que transcende as transações financeiras, não se configurando apenas como um ato individual ou privado, mas também pela busca de reconhecimento. Safatle (2024) traz uma breve passagem em seu texto *Uma era de crise psíquica* para revista Cult, que nos ajuda a melhor entender tal ponto, diz ele:

Jacques Lacan um dia compreendeu, com sua precisão costumeira, que as múltiplas modalidades de sofrimento psíquico eram déficits de reconhecimento. Essa era uma maneira de lembrar que nossos sintomas, inibições e angústias estavam organicamente vinculados a problemas de reconhecimento social ou, antes, aos limites das possibilidades de reconhecimento social historicamente constituídas para nós. Não se tratava, assim, de uma inabilidade dos sujeitos em suas tentativas de se fazerem reconhecer, mas das limitações objetivas da própria sociedade que cindia, que dividia, que instaurava a contradição no seio dos sujeitos. Lembremos sempre disto: normas sociais não criam sujeitos, elas os dividem. Se normas tivessem essa força criadora *ex nihilo*, dificilmente conseguiríamos explicar por que elas nos fazem sofrer, porque somos tão inadaptados a elas (p.18).

Nesse sentido, o sofrimento psíquico deve ser compreendido em seu contexto social e histórico, e não como uma falha individual. As normas sociais não apenas moldam os sujeitos, mas também os dividem e os colocam em posições de conflito interno, o que gera sofrimento. Essa visão desloca a culpa do indivíduo para as condições estruturais e os limites impostos pelo social.

Voltando à questão do consumo, vale destacar que ele implica, segundo Alves e Liedker (2023), consequências de ordem pública, ecológica e social, permeando diversos campos da sociedade e da vida cotidiana. O consumo não se limita apenas a adquirir e utilizar algo até o descarte para aquisição de outro; envolve também o desgaste e a destruição de recursos naturais e do meio ambiente. Esse processo corrosivo não apenas afeta o planeta, mas também os indivíduos, levando à reflexão sobre como o ato de consumir pode resultar na perda de aspectos fundamentais da vida, da identidade e/ou da subjetividade.

Nesse aspecto, não nos surpreende que a saúde mental também passe a ser vendida, seja em produtos materiais ou imateriais, e o que mais tem tido espaço são aqueles vendidos em pílulas. A mudança no discurso sobre medicamentos psicotrópicos substitui a concepção de "ópio do povo" pela ideia de um corpo social dopado. A imagem do indivíduo sob perfusão é considerada como um aspecto da empresarialização da vida. Tal busca obsessiva por ganhar, vencer e destacar-se, juntamente com o consumo em massa de medicamentos psicotrópicos, está intimamente relacionada, uma vez que uma nova cultura de conquista é, inevitavelmente, uma cultura da ansiedade, que representa sua face sombria.

Derivados do ópio, como álcool, haxixe e alucinógenos, os chamados medicamentos psicotrópicos, são considerados meios de ampliar a individualidade. A utilização dessas substâncias é vista como uma forma de ação por parte daqueles que ainda não conquistaram a autonomia ou se perderam, incapazes de alcançar independência em relação a si mesmos e à realidade social. As drogas representam uma maneira de escapar do peso da autonomia, uma liberdade considerada pesada. No contexto atual, o consumo massivo de medicamentos psicotrópicos e os diversos problemas os quais se propõem solucionar indicam a presença de uma lógica difundida e recente de modificação dos estados de consciência na sociedade (EHRENBERG, 2010). Neste sentido, enquanto as drogas tradicionais possibilitam escapar da realidade, os medicamentos psicotrópicos são encarados como uma maneira de confrontar a realidade.

Segundo Ehrenberg (2010), os estimulantes na sociedade competitiva são considerados como drogas de integração social e relacional. Os medicamentos psicotrópicos são assimilados às práticas de modificação de estados de consciência de indivíduos que buscam assumir total responsabilidade por seus destinos. Seu uso não se destina mais à embriaguez ou ao prazer, mas sim a aliviar o peso da responsabilidade quando esta se torna demasiadamente onerosa. Como bem aponta Pereira (2021):

Em nossa sociedade contemporânea, na qual significantes como “ansiedade”, “estresse”, “burn-out”, “angústia” e “pânico” fazem parte da linguagem diária, não

se deve estranhar o fato de que a proliferação do uso de hipnóticos e tranquilizantes tenha se tornado um verdadeiro problema de saúde pública (p.36)

A proliferação desses medicamentos reflete uma tentativa de aliviar os sintomas dessas condições, nas quais o sujeito é convocado a consumir algum tipo de medicamento para sustentar o seu dia a dia ou para aumentar sua produtividade, como por exemplo o crescente consumo de *lisdexanfetamina*, que é um medicamento derivado da anfetamina, estimulante do sistema nervoso central e psicoestimulante, que é comumente usado para ampliar a concentração e a produtividade.

Nesse sentido, os indivíduos são frequentemente percebidos mais como consumidores do que como sujeitos com subjetividades próprias, Lacan (1972/1998) traz uma reflexão interessante a respeito desta lógica de consumo, ele aponta que o próprio ser tornou-se produto consumível tanto quanto os demais. Segundo Junior, Dunker e Safatle (2020), os sujeitos contemporâneos são incentivados a superar constantemente seus próprios limites em busca da máxima performance, consumindo não apenas produtos, mas a si mesmos. É como se na contemporaneidade fôssemos obrigados a sustentar uma ereção constante, estarmos sempre prontos, alerta. Em suma, o consumo, como parte integrante do neoliberalismo, é um fenômeno complexo que não apenas reflete a busca por satisfação imediata, mas também está profundamente enraizado em questões psíquicas, sociais e culturais.

Segundo Birman (2020) essa dinâmica restringe, consequentemente, as possibilidades de integração do sofrimento e de elaboração da dor. Em resposta, essa dor torna-se manipulável por meio de diversas estratégias: a fuga para o "admirável mundo" virtual, o entorpecimento proporcionado pelo uso de substâncias psicoativas, a medicalização de qualquer alteração corporal ou, ainda, pela busca de uma construção estética de "super-humanos", que aprimoram a corporeidade com o uso de avançados aparatos tecnológicos (BIRMAN, 2020). Além disso, esses desgastes psíquicos se somam a fenômenos paralelos relacionados à dinâmica da exclusão, provenientes da crise do Estado-providência e da incapacidade dos partidos políticos (EHRENBERG, 2010), somado ao desenvolvimento tecnológico.

Como consequência, vivemos uma crise global de saúde mental, uma incapacidade coletiva de enfrentar a crise climática e a impossibilidade de conceber uma transformação efetiva das condições atuais. A redução da desigualdade entre aqueles que adoecem pelo excesso de trabalho e os que sofrem pela escassez de oportunidades laborais passa, necessariamente, por uma redistribuição mais equitativa e eficiente do tempo de trabalho. Nesse sentido, como bem aponta Dunker (2024) a extinção do regime de jornada seis por um

deve ser vista como um ponto de partida e um marco simbólico em direção à redução geral das horas de trabalho por pessoa. Experiências como a da Alemanha, onde se adota a semana de quatro dias, evidenciam a viabilidade de modelos alternativos, apontando para a necessidade de seguirmos o exemplo de países que alcançaram maior equilíbrio entre trabalho e qualidade de vida. A atual crise global de saúde mental, não será superada sem enfrentar os prejuízos decorrentes das longas jornadas de trabalho, agravados pelas dificuldades impostas pela mobilidade urbana. A estrutura de trabalho baseada em regimes empresariais apresenta riscos significativos, especialmente para profissionais liberais, autônomos, trabalhadores "pejotizados" e vinculados a plataformas digitais (DUNKER, 2024). Nessas configurações, o tempo de trabalho é gerido individualmente, reforçando a lógica do "empresário de si mesmo". Soma-se a isso o impacto de um modelo de vida neoliberal, que contribui, como vimos até aqui, para a proliferação de condições como depressão, ansiedade e *burnout*, evidenciando a urgência de pautar a redução da jornada de trabalho como medida progressista e indispensável. No entanto, não podemos ser seduzidos tão facilmente pelo canto da sereia, a redução da jornada é fundamental, mas deve vir acompanhada por um conjunto de outras políticas públicas, por correr o risco de cair em uma lógica baseada no princípio da livre escolha, onde aqueles que desejam ganhar mais ainda poderão trabalhar por mais tempo, reiterando um modelo já bastante presente.

Nesse sentido, se destaca um regime de autodisciplina que manipula as instâncias psíquicas do desejo e da culpa. Segundo Dardot e Laval (2016), o objetivo é direcionar a aspiração pela "realização pessoal", atribuindo exclusivamente ao indivíduo a responsabilidade pelo alcance dos seus objetivos, temos de nos conhecer e nos amar para sermos bem-sucedidos. Daí a ênfase na palavra "autoestima", chave de todo sucesso. Contudo, essas afirmações paradoxais sobre a injunção de sermos nós mesmos e nos amarmos como somos estão inseridas num discurso que coloca o desejo legítimo como uma ordem (DARDOT & LAVAL, 2016). Isto é, existe uma contradição intrínseca, por um lado se espera que sejamos autênticos e nos amemos como somos, por outro é inserido um discurso que transforma o desejo legítimo em uma espécie de comando, obrigação ou ainda uma possibilidade a ser consumida. Essa perspectiva pode ser relacionada à teoria psicanalítica, em que o consumo é visto como um alívio imediato, um gozo, impulsionado pelo princípio do prazer (ALVES & LIEDKER, 2023).

2.4 O mercado da cura de si: a supressão do mal-estar

Como vimos até aqui, no neoliberalismo, o sofrimento não é mais centrado na privação, como no capitalismo industrial, podemos, portanto, pensar que, nessa lógica, a dinâmica se dá pelo gozo, isto é, o sofrimento não é mais sobre a falta, mas sobre o excesso de exigências em torno do gozo. O sujeito neoliberal é impelido a buscar constantemente a autorrealização, o sucesso e o consumo, como se fosse obrigado a aproveitar ao máximo todas as oportunidades, a todo custo. Essa pressão para gozar, para extrair o máximo de prazer e produtividade da vida, transforma o gozo em uma nova forma de sofrimento. Ou seja, o sujeito não sofre pela escassez, mas pelo excesso de demandas para "ser feliz", consumir e performar sem descanso. Nesse sentido, o neoliberalismo impõe um sofrimento que não está mais vinculado à privação material, mas à sobrecarga psíquica gerada pela busca incessante de gozo, colocando o sujeito em uma dinâmica de satisfação impossível e insaciável.

Na sociedade neoliberal, em que a produtividade é incessantemente exaltada e o cuidado é individualizado, os indivíduos deixam de ser reconhecidos como seres humanos plenos e passam a ser incentivados a atuar como meros executores. O "eu" é quantificado e reduzido a uma soma de tarefas e realizações, garantindo apenas o mínimo necessário para que as pessoas continuem operando nos sistemas sociais e culturais em que a maioria foi moldada (LAKSHMIN, 2023). A promoção do “cuidado de si” como solução para as aflições das pessoas serve como uma forma de exonerar o sistema de culpa, sugerindo que são as pessoas que não estão fazendo o suficiente e não o sistema que as desaponta.

Nessa perspectiva, não por acaso, as terapias fundamentadas pela neurociência e as cognitivo-comportamentais foram disseminadas, pois pretendem, de maneira pontual, “trazer de volta rapidamente o indivíduo para a performance e para o exercício da autonomia” (BIRMAN, 2010, p, 44). Junto a esse movimento, as narrativas e preceitos presentes nos livros de autoajuda, bem como os profissionais com tratamentos milagrosos, integram uma rede em expansão de serviços para enfrentar as dificuldades da vida e que prometem um manual pronto para promover a sua felicidade.

Imagem 2: Postagem de Fernanda Landeiro em seu canal no *YouTube*⁷



Tomemos as imagens acima, a chamada “Como se tornar seu próprio terapeuta” reflete bem essa lógica, individualizando problemas e suas soluções, transferindo a responsabilidade pelo bem-estar psíquico e emocional exclusivamente para o indivíduo. Essa mensagem insere-se em um discurso que valoriza a autossuficiência, a produtividade e a incessante busca por aperfeiçoamento pessoal, desconsiderando fatores contextuais como desigualdades sociais, condições de trabalho precárias e redes de apoio insuficientes. Ao sugerir que o sujeito pode se tornar “seu próprio terapeuta,” a chamada minimiza a complexidade dos processos psíquicos, que demandam muitas vezes intervenções especializadas, e coloca o cuidado da saúde mental no campo do consumo de ferramentas ou práticas autoaplicáveis. Além disso, o conceito de “melhor versão” é frequentemente pautado em ideais normativos de desempenho e sucesso, muitas vezes definidos por valores mercadológicos. Isso pode alimentar a ansiedade e a sensação de inadequação ao invés de promover uma compreensão mais ampla e compassiva das subjetividades, afinal, o que seria uma versão melhor de si?

Nesse sentido, a busca por uma forma de resistência a tais imperativos se torna fundamental, a psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud no final do século XIX, continua a ser uma abordagem terapêutica relevante e valiosa atualmente. Embora tenha sido criticada e complementada por várias abordagens terapêuticas mais recentes, a psicanálise oferece características distintas que a tornam resistente ao tempo em que vivemos. É fato que, nesse contexto, a psicanálise perde lugar estratégico e simbólico que ocupou ao longo da modernidade, na medida que não possibilita a promoção da performance que seria valorizada pelos indivíduos (BIRMAN, 2010).

No entanto, vale destacar que, desde sua criação, a psicanálise compreende que o sujeito é diretamente afetado pela relação com o outro, ou seja, pela sociedade e todos a sua

⁷ Imagem retirada no canal do *YouTube* Fernanda Landeiro: <https://www.youtube.com/@fernandalandeiro>

volta, segundo Lacan (1954-1955/1985), o inconsciente é o discurso do Outro. O discurso do outro não é o discurso do outro abstrato, do outro da díade, do correspondente, nem mera e simplesmente o do escravo, é o discurso do circuito no qual se está integrado, um dos seus elos. Portanto, a leitura proposta vai além do nível individual ao apontar para os diferentes imperativos que atravessam o neoliberalismo, os quais não afetam apenas uma pessoa ou uma família, mas nações inteiras. O "pequeno circuito" de repetição de erros, normas e discursos forma o que aprisiona grandes grupos sociais, mantendo-os em padrões de comportamento transmitidos de geração em geração.

Em uma palestra, para o programa “Café Filosófico CPFL”, da TV Cultura, a psicanalista Maria Rita Kehl (2013) fala sobre o papel da psicanálise na contemporaneidade, destacando um ponto essencial: O crescente desinteresse por um percurso terapêutico que exige um mergulho na própria subjetividade reflete uma característica marcante do mundo contemporâneo, em que rapidez e eficácia imediata são amplamente valorizadas. Nesse contexto, a proposta da psicanálise, que convida ao enfrentamento das próprias angústias e ao encontro consigo mesmo, torna-se pouco atraente para muitos. Kehl (2013) identifica um dilema central da atualidade: a preferência por soluções que oferecem alívio instantâneo, seja por meio de medicamentos que anestesiam as emoções ou de práticas que automatizam respostas.

No lugar de se engajarem no complexo processo de autoconhecimento, muitos optam por atalhos que, embora proporcionem alívio momentâneo, não promovem uma cura autêntica. Sob a perspectiva psicanalítica, essa tendência é compreendida como uma forma de resistência ao enfrentamento do inconsciente, uma fuga das angústias existenciais que, segundo Freud, são inerentes à condição humana. Diferentemente das soluções rápidas, a psicanálise busca trazer à consciência os conflitos internos, utilizando a fala e a escuta como ferramentas para que o sujeito se reconecte com sua subjetividade, enfrentando seus próprios fantasmas. Ao refletir sobre esse fenômeno, Kehl (2013) levanta uma questão crucial: por que o percurso psicanalítico, que é árduo e demanda tempo, permanece relevante? Talvez porque a psicanálise desafia o indivíduo a abandonar a superficialidade das soluções imediatas, confrontando-o com as camadas mais profundas de sua própria existência. Embora difícil, esse caminho parece permitir uma verdadeira transformação, permitindo ao sujeito se deparar com seu mal-estar.

O psicanalista Joel Birman (2020) aponta que o mal-estar é um conceito acima de tudo psicanalítico, enunciado por Freud em *O mal-estar na cultura* (1930/2020), não se tratando do mal-estar do sujeito, mas o mal-estar na modernidade. Isso porque o sujeito é necessariamente

histórico, ligado a sua condição pulsional. “Seriam os destinos psíquicos das pulsões, delineados na relação destas com os outros e com os dispositivos sociais, que constitui tanto o sujeito quanto o mal-estar...” (BIRMAN, 2023, p.56). Logo, nota-se, no discurso freudiano, uma crítica da modernidade e seus pressupostos, pelo mal-estar subjetivo que esta engendrava. Nessa perspectiva, pensando o nosso tempo e seus atravessamentos, quais caminhos seriam possíveis frente a pulsão? Vejamos no próximo capítulo.

3. NA ENCRUZILHADA DA PULSÃO DE MORTE

“É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo.”

Clarice Lispector

Ao lidarmos com a pulsão, enfrentamos dois processos distintos. O primeiro ocorre durante a satisfação das necessidades e funções orgânicas, onde a repetição desse ato gera uma satisfação inesperada e excedente, que se transforma no impulso para uma nova repetição — uma repetição dentro da repetição. Essa dinâmica amplia a satisfação excedente, sendo o núcleo da segunda questão: quando a pulsão se desvincula de um objeto específico e passa a buscar satisfação no próprio ato de repetir. Nesse ponto, ela se torna autônoma, insistente e mais focada no circuito de satisfação do que no objetivo inicial. Esse impulso pode superar até mesmo a própria necessidade, tornando-se mais dominante (ZUPANČIČ, 2023).

O neoliberalismo soube instrumentalizar muito bem este dispositivo, se olharmos para a lógica incessante do desempenho e da acumulação que caracteriza esse sistema, como já apontado aqui neste trabalho, o indivíduo é incentivado a buscar constantemente a maximização de resultados, seja no trabalho, no consumo ou na autopromoção. Essa dinâmica opera como uma repetição que transcende a necessidade básica ou objetivos concretos, levando o sujeito a uma busca contínua por "mais" — mais produtividade, mais reconhecimento, mais capital simbólico ou econômico. Essa dinâmica escancara como a racionalidade neoliberal instrumentaliza a pulsão, convertendo-a em uma ferramenta para intensificar a exploração, alimentar a lógica econômica do mercado e o desempenho individual, muitas vezes em detrimento das necessidades humanas mais básicas.

Isso passa a funcionar em detrimento da vida, não porque deseja destruí-la, mas porque visa ao gozo. Isso explica um aspecto da gênese do objeto da pulsão: existe o objeto e, depois, a satisfação como objeto, ou seja, uma forma de prazer excessivo e paradoxal, pois pode ser tanto prazeroso quanto destrutivo. A pulsão não está buscando a destruição da vida de forma consciente, mas o gozo pode levar o sujeito a agir de maneira autodestrutiva ou prejudicial, porque o gozo, em vez de ser regulado, se torna uma busca insaciável, busca-se o gozo pelo gozo, satisfação na satisfação. Nesse contexto, o objeto da pulsão é aquilo que o sujeito acredita que o levará à satisfação, mas essa satisfação não é necessariamente saudável ou positiva. É como se, ao buscar o gozo, o sujeito encontrasse o objeto da pulsão (um meio

para alcançar prazer), mas esse objeto não leva a uma satisfação duradoura, apenas perpetua o ciclo da pulsão, mantendo o desejo insatisfeito.

No entanto, essa não é toda a história. Isso explica a origem da mais-satisfação, mas não explica por que ela pode ter um efeito tão revolucionário, capaz de inverter a ordem das coisas, ou ao menos conferir à pulsão uma autonomia em relação às funções orgânicas (ZUPANČIČ, 2023). Seria simplista entender o consumo desenfreado, por exemplo, apenas como uma busca insaciável pelo excesso, é necessário perguntar que outra demanda simbólica esse desejo alimenta. Então, por que a mais-satisfação pode causar uma inversão tão completa da ordem das coisas? A resposta é que a estrutura da pulsão implica algo mais do que a simples busca por satisfação excedente, há uma negatividade em torno da qual ela gira, relacionando a estrutura da pulsão à repressão primária, uma negatividade inerente à ordem ontológica do ser, como nos aponta Zupančič (2023):

A pulsão não quer (nos deixar) gozar. O supereu quer (nos fazer) gozar. O supereu (e sua cultura) reduz a pulsão à questão da satisfação (gozo), tornando-nos reféns de suas vicissitudes e bloqueando ativamente o acesso à negatividade que a impulsiona. Ou seja – e isso é crucial –, a satisfação (em nome da satisfação) não é o alvo da pulsão, mas o seu *meio*. Isso é o que é profundamente perturbador na “pulsão de morte”: não que ela queira apenas gozar, mesmo que nos mate, mas que ela queira apenas repetir essa negatividade, a hiância na ordem do ser, *mesmo que isso signifique gozar*. O gozo é o meio, enquanto o “alvo” é a repetição da falta-a-ser bem no seio do ser... (p.171)

Nessa citação, a autora traz um ponto que é crucial, a satisfação não é o objetivo final da pulsão, mas sim um meio para outro fim, enquanto o verdadeiro "objetivo" é a repetição da falta de ser no próprio ser. Portanto, ao lidarmos com a pulsão, devemos entender que ela envolve uma satisfação adicional que surge durante a satisfação das necessidades orgânicas, resultando em uma repetição dentro da repetição. Esse ciclo, que pode se tornar mais forte do que a própria necessidade, no qual a satisfação excedente não é o objetivo final da pulsão, mas um meio para alcançar algo mais profundo, uma negatividade inerente à pulsão, liga-se à repressão primária e à falta de ser, sendo essa negatividade o verdadeiro motor da pulsão, e o superego, ao focar no gozo, desvia nossa atenção desse aspecto central.

3.1 O gozo mortífero da pulsão de morte no neoliberalismo.

Dentro do neoliberalismo, há uma transformação da repetição em um ciclo de exaustão. O trabalhador, por exemplo, ao buscar continuamente o gozo prometido — seja através de bônus financeiros, promoções ou reconhecimento público —, acaba alienado de suas próprias necessidades subjetivas. A pulsão, nesse caso, não se resolve, pois o gozo nunca é suficiente para preencher a falta que o move. Isso porque a pulsão é vazia e, na promessa de

preencher o impreenchível, o sujeito neoliberal perpetua o ciclo de exploração e consumo de si mesmo em nome do "empreendedor de si".

Seguindo o texto, é importante apontar que a pulsão revela um vínculo profundo entre resistência e compulsão à repetição. Ambas se convergem na demanda pelo gozo, evidenciando a repetição compulsiva do ato de satisfação, como podemos observar no parágrafo acima. Freud destacou em diversas ocasiões que o Id está em aliança com o superego, o que implica que a demanda por gozo se expressa na forma de uma lei: o gozo se torna um imperativo. O superego, portanto, não apenas proíbe o gozo, mas eleva a demanda pulsional a um imperativo categórico (TOMŠIČ, 2019).

No contexto neoliberal, uma vez que esse se torna a racionalidade do nosso tempo, isto é, uma forma de ser e estar no mundo (DARDOT & LAVAL, 2016), o dever supremo de todos os sujeitos passa a ser a produção de prazer pelo prazer. Para esse superego, o imperativo é claro: gozar! E o sujeito só pode responder: "Eu quero", "Eu obedeço" (BIRMAN, 2010) ou "Eu mereço". O gozo, nesse sentido, está associado a uma busca ilimitada de satisfação, que no neoliberalismo está muito relacionada ao consumo, ao desempenho e à constante auto-otimização. O superego, que na psicanálise é a instância que representa as normas e exigências sociais internalizadas, no neoliberalismo adquire um caráter ainda mais tirânico: em vez de apenas regular e reprimir, ele exige mais — mais prazer, mais consumo, mais sucesso. Não há espaço para a moderação, tornando difícil para o sujeito escapar ou resistir facilmente a esses imperativos, uma vez que o funcionamento da sociedade neoliberal nos insere constantemente nessa lógica compulsiva de busca por prazer. O sujeito é colocado em uma posição de constante exigência, sempre incentivado a se adaptar a essa lógica. Um exemplo disso é a cultura das redes sociais, onde as pessoas são continuamente encorajadas a compartilhar suas melhores experiências, conquistas e momentos de felicidade, promovendo uma imagem idealizada de si mesmas. Nessa lógica, o sujeito é incentivado a exibir e a buscar constantemente prazer, sucesso e bem-estar, como se a vida fosse uma vitrine. A pressão para estar sempre aproveitando, consumindo e demonstrando prazer se torna opressiva, e o indivíduo sente que precisa querer isso ou obedecer a essa lógica, mesmo que, internamente, esteja exausto ou insatisfeito.

Segundo Tomšič (2019), nesse reconhecimento da dimensão fatal do gozo, emerge o aspecto mais radical das descobertas clínicas e dos desenvolvimentos metapsicológicos de Freud, a pulsão de morte, que tem como reflexo a compulsão à repetição, ou mais precisamente na interdependência entre repetição e resistência no cerne da produção de gozo. Nesse sentido, a pulsão de morte representa a indiferença radical e o desinteresse da demanda

inconsciente por gozo em relação às tendências de autopreservação do sujeito e, na verdade, em relação à própria vida.

Nesse sentido, podemos afirmar que o neoliberalismo começa a aparecer como o modo social de produção que mobilizou com mais eficiência essa dimensão excessiva da pulsão. Segundo Han (2021), o neoliberalismo, organizado em torno de necessidade e desejo, reflete-se no consumo e na produção. Paixões e intensidades são substituídas por sentimentos agradáveis e estímulos superficiais, nivelados em formas de consumo e prazer. Negatividades, como a dor, são eliminadas em nome da satisfação das necessidades. A morte, a negatividade por excelência, é abolida pela coerção da produção. O amor, adaptado ao processo neoliberal, atrofia-se em uma sexualidade reduzida à necessidade, em que o outro, despojado de sua alteridade, torna-se apenas um objeto de consumo para o sujeito narcísico (HAN, 2021). Isto é, no neoliberalismo, como aponta Ceccarelli (2006), “todo objeto que, como qualquer outro, poderia candidatar-se a objeto de desejo, é transformado em objeto de necessidade o qual, evidentemente, jamais cumprirá a função prometida: a realização de desejo” (p.113/114).

Soma-se a esta lógica os avanços tecnocientíficos e os novos horizontes da medicalização, que têm fundamentado promessas de longevidade, fomentando um verdadeiro culto à imortalidade (BIRMAN, 2020). Como contrapartida desse projeto de eternização, observa-se a emergência de um estado de preocupação generalizada com a saúde e o corpo (Birman, 2020). Nesse contexto, é possível supor que a noção de finitude e a figura do homem – elementos fundamentais da Modernidade (Foucault, 1966/1987) – estão sendo desafiados na era do homem pós-orgânico (SIBILIA, 2015).

O culto à imortalidade, descrito por Birman (2020), relaciona-se ao conceito de "homem pós-orgânico" proposto por Paula Sibilia (2015). Essa ideia reflete o desejo de transcendência da condição humana, impulsionado pelas tiranias do upgrade, que buscam maximizar as capacidades do corpo biológico. Nesse contexto, a centralidade que a morte assumiu na tradição médica resultou em uma reorganização epistemológica da noção de doença. Antes vista como um acidente, a doença foi inserida na relação entre vida e morte (HELSINGER, 2015). A morte, ao se tornar a condição intrínseca da doença, passou a funcionar como um elemento mediador que rearticula a vida e a doença. Assim, na Modernidade, a finitude deixou de ser uma simples negação do infinito e foi positivada como vetor constitutivo da figura do homem moderno, que se tornou objeto e sujeito das Ciências Humanas (HELSINGER, 2015).

3.2 A potência criativa da pulsão da morte

Segundo Birman (1999) relembra, a crença na eternidade está inscrita no inconsciente, cuja característica é a atemporalidade. No entanto, quando o sujeito vivencia uma experiência de morte real, ele é confrontado diretamente com sua própria mortalidade. Esse confronto gera angústia e revela a condição trágica da finitude humana, promovendo uma divisão psíquica entre a crença na imortalidade e o saber consciente sobre a mortalidade. Nesse sentido, o controverso conceito elaborado por Freud (1920/2020) aponta para o caráter ao mesmo tempo estranho e familiar da morte. Embora saibamos de sua inevitabilidade, sua realização concreta provoca uma surpresa que desestabiliza o sujeito, revelando o paradoxo entre o reconhecimento teórico da morte e o impacto emocional de sua ocorrência.

Bataille (1957/2020) concebe a morte como uma forma intensiva de vida, conferindo à vida exuberância, excesso e extravagância. A vertigem associada à morte é, essencialmente, uma experiência erótica. Em seu texto sobre o erotismo, Bataille (1957/2020) explora a proximidade entre morte e Eros, em que a pulsão de vida, levada ao extremo, se aproxima da pulsão de morte. O erotismo é o meio no qual vida e morte se interpenetram. O erotismo representa uma busca pela continuidade, rompendo com a descontinuidade do indivíduo isolado, base da economia. Ele dissolve o ego, levando à morte do eu em um encontro com o outro, que destrói o narcisismo. Como bem aponta Han (2021), dizer sim à vida significa dizer sim também à morte. A vida que nega a morte, nega a si mesma. Lacan (1964/2008), aponta para a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte.

Voltando a Freud (1920/2020), devemos observar que as pulsões de vida estão intimamente ligadas à nossa percepção interna, pois elas constantemente perturbam nossa paz, trazendo tensões que, ao serem aliviadas, geram prazer. Em contraste, as pulsões de morte parecem operar de maneira silenciosa e discreta. O princípio do prazer, apesar de estar aparentemente a serviço das pulsões de morte, também monitora os estímulos externos, considerados ameaçadores tanto pelas pulsões de vida, quanto pelas de morte. Contudo, sua vigilância se concentra especialmente nos aumentos de estímulos internos, que dificultam o desafio de viver. Nesse sentido, por mais paradoxal que pareça, o que pode mudar a meta fundamental da vida, de retornar ao inanimado, é a pulsão de morte (ZUPANČIČ, 2023).

Desde os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/2016) destacou que a sexualidade é essencialmente perverso-polimorfa, concretizando-se apenas através das pulsões, que são parciais. Não é surpreendente, portanto, que seu destino final seja a morte, já

que a presença do sexo está inevitavelmente ligada à mortalidade. O caminho da pulsão é a única forma de transgressão que o sujeito pode realizar em relação ao princípio do prazer. O sujeito eventualmente percebe que seu desejo é apenas uma tentativa vazia de capturar o gozo do outro. Com a intervenção do outro, ele se dá conta de que existe um gozo além do princípio do prazer (LACAN, 1964/2008).

Caminhando para o fim, trago uma citação de Lacan (1964/1998), retirada de seu trabalho intitulado *Do “trieb” de Freud e do desejo do psicanalista* presente nos Escritos:

As pulsões são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido.

Não faltam objetos que passam por lucros e perdas para ocupar seu lugar. Mas é em número limitado que eles podem desempenhar um papel que se simbolizaria da melhor maneira possível pela automutilação do lagarto, por sua cauda desprendida com desolação. Desventura do desejo nas sebes do gozo, espreitadas por um deus maligno.

Esse drama não é o acidente que se supõe. É da ordem da essência: porque o desejo vem do Outro, e o gozo está do lado da Coisa.

O que o sujeito recebe dele de esquitejamento pluralizante, eis ao que se aplica a segunda tópica de Freud. Mais uma oportunidade para não se ver o que deveria impressionar nela: que as identificações determinam-se ali pelo desejo, sem satisfazer a pulsão.

Isso porque a pulsão divide o sujeito e o desejo, o qual só se sustenta pela relação, que ele desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa. Tal é a estrutura da fantasia (p.867).

Nessa passagem, Lacan (1964/1998), explora conceitos fundamentais da psicanálise, especialmente a relação entre pulsão, desejo e objeto. Com a afirmação de Freud que as pulsões são como mitos, Lacan esclarece que isso não significa que as pulsões sejam irreais, mas sim que elas criam uma espécie de narrativa em torno do real.

As pulsões mitificam o real ao produzir o desejo, que, por sua vez, busca reproduzir a relação do sujeito com um objeto perdido. Esse "objeto perdido" é uma noção central na psicanálise, referindo-se a algo que o sujeito almeja, mas que nunca pode ser completamente resgatado. Diversos objetos podem temporariamente ocupar o lugar desse objeto perdido, passando por ciclos de ganhos e perdas. No entanto, apenas alguns desses objetos possuem um impacto simbólico profundo, como o exemplo que Lacan utiliza do lagarto que perde sua cauda.

Esse ato de perder a cauda é uma metáfora para a desventura do desejo, que, ao tentar alcançar o gozo, sofre uma perda inevitável, o desejo não é um acidente, mas algo essencial, e isso porque o desejo vem do "Outro" (do grande outro, a linguagem, a sociedade, ou o inconsciente). Já o gozo, que é a busca por uma satisfação plena, está do lado da "Coisa" (algo inacessível ou fora do alcance do sujeito).

Partindo da segunda tópica de Freud, que trata das instâncias do id, ego e superego, Lacan (1964/1998) sugere que o sujeito é "esquartejado" ou fragmentado ao tentar se identificar com objetos de desejo. Essas identificações, segundo o psicanalista francês, são determinadas pelo desejo, mas, paradoxalmente, não satisfazem a pulsão. A pulsão, por sua essência, divide o sujeito, e o desejo se mantém apenas por sua relação com essa divisão e com o objeto que a provoca. É nesse ponto, na interseção entre desejo, a divisão do sujeito e o objeto que causa o desejo, que se configura a estrutura da fantasia. A fantasia, conceito que não busco aprofundar neste trabalho, mas que é a maneira pela qual o sujeito organiza e interpreta seu desejo em relação ao objeto perdido, tentando lidar com a falta que o define. Dito de outra forma, as pulsões não são apenas instintos ou forças biológicas, mas narrativas que estruturam a experiência do desejo, criando uma tensão contínua entre o sujeito, o objeto perdido, e o gozo, e essa tensão é fundamental para a constituição da fantasia na vida psíquica.

No contexto neoliberal, a ideologia dominante valoriza a busca individual por sucesso, desempenho, riqueza e realização pessoal. Esses valores tornam-se a busca das pessoas, guiam o comportamento. Nesse sentido, podemos entender o neoliberalismo como um mito, em que sucesso, prazer e riqueza se tornam imperativos, desejo de todo ser. O mito aqui não é algo irreal, mas uma narrativa criada e perpetuada pela sociedade que associa felicidade e valor pessoal ao sucesso econômico e à realização individual. Esses imperativos mitificam o "real" ao transformar o sucesso e a riqueza em símbolos do que é desejável, mesmo que, na prática, esses objetivos sejam inatingíveis para muitos. Logo, as pessoas, dentro dessa estrutura neoliberal, podem perseguir diferentes "objetos" que representam sucesso: um cargo elevado, uma casa luxuosa, um estilo de vida glamoroso. No entanto, nenhum desses objetos traz satisfação duradoura. Eles são apenas substitutos temporários que ocupam o lugar do verdadeiro "objeto perdido", que é a plena realização e satisfação que o sistema neoliberal promete, mas que nunca se alcança totalmente.

A metáfora do lagarto, trazida pelo Lacan, pode ser entendida no nosso tempo como esse ciclo interminável de busca e frustração que caracteriza a vida sob o neoliberalismo. Cada vez que uma pessoa alcança um novo nível de sucesso ou adquire um novo bem, a satisfação é apenas temporária. Logo, surge a necessidade de buscar algo maior, ou melhor, o que perpetua a desventura do desejo, mesmo que, para isso, eu tenha que matar, pois, como aponta Han (p. 15 e 16, 2021), "Matar protege da morte. Apodera-se da morte ao se matar. Usar mais violência e matar mais significa morrer menos". A promessa de sucesso sempre deixa algo a desejar, levando a uma constante sensação de perda ou insuficiência. No

neoliberalismo, o desejo do sujeito, moldado pelo "Outro" é, neste caso, o mercado, a mídia, e a ideologia dominante que dita o que é desejável. O sujeito se torna dividido porque, enquanto busca incessantemente o sucesso e a realização pessoal, há uma parte dele que reconhece a impossibilidade de atingir esse gozo pleno. O gozo está sempre além do que pode ser alcançado, ligado à "Coisa" — o ideal inalcançável de felicidade e sucesso absoluto. A fantasia, no contexto neoliberal, é a crença de que, com mais esforço, mais trabalho, ou mais consumo, o sujeito poderá finalmente alcançar o objeto de seu desejo — o sucesso completo, a riqueza absoluta, ou a satisfação pessoal total. Essa fantasia mantém o sujeito preso à lógica neoliberal, sustentando um gozo mortífero. É importante destacar que, conforme Lacan (1964/1998), o funcionamento do desejo pode se manifestar tanto dentro, quanto fora do neoliberalismo. No entanto, e é isso que este trabalho busca evidenciar, a maneira como o desejo se desdobra no contexto neoliberal leva à degradação do laço social, exilando o sujeito de seus laços significantes. Como aponta Rocha (2021), a partir de uma condição de excesso de gozo, a subjetividade passa a ser construída de forma solitária, pois o sujeito se torna um proletário de sua própria castração. No neoliberalismo, o sujeito assume a figura de um autogestor, responsável por escrever, dirigir e produzir sua própria trama. Ele organiza o cálculo de seu gozo em uma busca incessante por reconhecimento, o que o transforma em protagonista e, ao mesmo tempo, em servo de sua própria realização (ROCHA, p.14, 2021).

A vida, nesse sentido, seria uma repetição da morte; uma repetição, entretanto, que a transforma e que, no fim das contas, se desvia dela. A pulsão de morte, conforme apresentada, permite-nos formular a seguinte hipótese: empiricamente, o que observamos são diferentes formas de uso dessa pulsão. Se considerarmos a pulsão de vida como uma função psíquica de ordem secundária e a posteriori, pertencente ao domínio psicológico, podemos propor que ela surja no momento em que o aparelho psíquico começa a exercer sua função de ligação e construção. É nesse ponto que uma vida psicológica singular se inicia, regida pelo princípio do prazer. Dessa forma, a pulsão de vida, subordinada ao princípio do prazer, seria, na verdade, uma expressão empírica da pulsão de morte — uma versão atual e singular daquilo que em nós é mais arcaico. Nesse sentido, a pulsão de vida pode ser entendida como uma transformação, modificação ou disfarce da pulsão de morte. A vida, então, não seria senão uma repetição da morte; uma repetição que, ao transformar a morte, dela também se desvia, permitindo novas formas de criação e singularidade. Nesse sentido, a vida seria uma repetição da morte, mas não uma simples reprodução estática ou literal. Essa repetição implicaria um movimento criativo que transforma a força mortífera em algo novo, gerando construções psíquicas, subjetivas e culturais.

A pulsão de morte, ao se desviar de seu destino inicial, permitiria que o princípio do prazer operasse como uma reorganização do campo pulsional, criando novas possibilidades de vínculo, sentido e expressão. Essa dinâmica sugere que a pulsão de morte, longe de ser exclusivamente destrutiva, é também a base para a renovação, uma força que desafia o estático e impulsiona o psíquico a buscar formas de superação, mesmo que por caminhos tortuosos. Ao transformar a pulsão de morte, o sujeito não apenas se desvia da repetição literal, mas também abre espaço para a criação de algo singular, permitindo que a vida se manifeste como um processo que, paradoxalmente, encontra na morte a sua própria condição de possibilidade. Portanto, o que se revela não é apenas uma tensão entre pulsão de vida e pulsão de morte, mas uma interdependência em que a pulsão de morte, ao se disfarçar e se transformar, gera o dinamismo necessário para uma vida que não se limita à mera sobrevivência, mas se torna uma expressão criativa diante das vicissitudes do existir.

Como Zupančič (2023) aponta, ao final, o organismo morre, mas dizer que existem criações que sobrevivem a ele não é apenas uma expressão ideológica ou religiosa. É nesse ponto que o conceito de pulsão de morte deve ser compreendido, e é essencial abandonar a noção da dualidade das pulsões: há apenas a pulsão de morte. No entanto, essa pulsão não pode ser entendida como uma força destrutiva que busca nos levar ao inanimado, mas sim como um caminho alternativo para a morte, diferente daqueles inerentes ao próprio organismo (ZUPANČIČ, 2023).

Poderíamos dizer: a pulsão de morte é o que nos possibilita *morrer de outra maneira*. E talvez, no final das contas, seja isso o que importa, e o que irrompe do cansaço da vida: não a capacidade de viver para sempre, mas a capacidade de morrer de outra maneira. Poderíamos até parafrasear a famosa frase beckettiana e formular o lema da pulsão de morte assim: *Morra de novo, morra melhor!* (ZUPANČIČ, p.173, 2023)

Essa citação deixa claro que a pulsão de morte não é uma força destrutiva que nos leva de volta ao inanimado, mas uma força que oferece diferentes formas de vivenciar a morte. No entanto, o poder, como bem nos aponta Safatle (2024), não quer nos deixar morrer. Ele quer que continuemos vivos, sorrindo, conectados até o fim, onde já não tem mais cola. Ele teme as reconfigurações que o silêncio produz. Essa visão sugere que, em vez de buscar a imortalidade física, podemos encontrar significado e permanência por meio de vivências que persistem além de nossa existência física. Assim, a pulsão de morte não é apenas destrutiva, mas é também uma maneira de transformar a própria morte em uma continuidade ou renovação através das criações duradouras, possibilitando outros caminhos para além da busca incessante por um gozo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não tenho medo da morte
Mas sim medo de morrer*

Gilberto Gil

Em um tempo tão acelerado como o do contemporâneo, é importante que pensemos em uma desaceleração da vida, é fundamental lembrarmos que seu ritmo nunca seguirá uma única batida. Existem muitos pulsos que ainda não conseguimos escutar, pulsos que se contradizem, se multiplicam e não se encaixam no mesmo compasso (SAFATLE, 2024). Nos parece fundamental, lembrarmos que a vida não é regida por um único ritmo ou padrão universal; pelo contrário, é composta por uma multiplicidade de pulsões, muitas das quais permanecem inaudíveis ou imperceptíveis. Essas pulsões podem ser contraditórias entre si, coexistindo de forma desordenada e fora de um compasso único ou homogêneo, o que nos possibilita questionar a imposição de ritmos normativos ou padronizados — frequentemente associados a sistemas econômicos e sociais, como o neoliberalismo — e reconhecer as pluralidades e as dissonâncias na experiência humana. Ao desacelerar, podemos perceber essas outras dinâmicas e, possivelmente, imaginar formas alternativas de subjetivação e convivência que nos possibilitem escapar dos imperativos dominantes.

Curiosamente, enquanto escrevia o presente trabalho, tive a sorte de assistir um episódio de uma série animada da *Netflix* chamada *The Midnight Gospel* (2020), especificamente o episódio cinco, que me lembrou dos meus estudos do Hinduísmo e do Budismo, tema que já me foi muito caro, mas que fui me distanciando. Ali, naquele episódio, assistido entre piscadelas de sono, iniciei uma reflexão que acredito fazer todo sentido com o trabalho aqui realizado. Segundo o Hinduísmo, o conceito da *Teia de Indra*, sugere que todas as consciências do universo estão interconectadas, como nós em uma vasta teia azul brilhante que se estende infinitamente. Nessa visão, os pontos de conexão, ou *atmans*, representam as consciências individuais, que são simultaneamente fragmentos e manifestações da totalidade divina. Cada *atman*, seja de uma bactéria, um ser humano ou mesmo de um ser hiperinteligente reflete a totalidade, evidenciando a interdependência de todas as formas de existência. O budismo, por sua vez, oferece uma perspectiva diferenciada, concentrando-se nas conexões entre os nós da teia, ressaltando que o sofrimento humano deriva da ilusão de um "eu" separado, que emerge da convergência da rede. Essa abordagem refuta qualquer essencialismo, argumentando que nada possui uma existência intrínseca ou qualidade

essencial. Essa ideia é explorada na prática meditativa de algumas vertentes budistas, onde se busca enfrentar diretamente os sentimentos que normalmente são evitados. O processo evidencia a impermanência e o caráter mutável de todas as experiências, levando à compreensão de que a realidade percebida é, na verdade, uma ilusão.

Analogamente, podemos comparar a vida a um jogo de realidade virtual, no qual frequentemente nos esquecemos de que estamos imersos em uma simulação. Apegamo-nos às ilusões criadas pelo jogo, buscando escapar do sofrimento inerente à existência, como a dor, o envelhecimento e a morte. O budismo propõe um movimento contrário: aceitar a impermanência como parte essencial da vida. Essa aceitação, paradoxalmente, é libertadora, pois permite que o indivíduo abandone o sofrimento causado pelo desejo constante de controlar o incontrolável e encontre alívio ao reconhecer que o momento presente é suficiente. Assim, o budismo desafia a visão convencional de progresso e satisfação, propondo a liberdade como o reconhecimento da transitoriedade e da interconexão fundamental de toda a existência.

Como vimos até aqui, a pulsão de morte não se reduz a uma força destrutiva, mas opera como um retorno ao inorgânico, ao gozo que desafia a ordem simbólica e rompe com as coordenadas do desejo estruturado pelo Outro. Nesse sentido, a ideia budista de que a ilusão de um "eu" separado é a fonte do sofrimento ecoa o movimento regressivo da pulsão de morte, que questiona a solidez do sujeito e desestabiliza sua identidade, remetendo-o ao vazio fundamental. O neoliberalismo, por sua vez, impõe uma lógica de individuação e desempenho incessante, que transforma o sujeito em um nó isolado dentro de sua própria "teia", enquanto promete progresso e autonomia. A lógica neoliberal se apropria da pulsão de morte ao fomentar um gozo mortífero baseado na exaustão, na repetição compulsiva de padrões de consumo e produção, e na desconexão do sujeito consigo mesmo e com o outro, disfarçando tais imperativos de qualidade de vida e sucesso profissional.

Portanto, enquanto o neoliberalismo mobiliza a pulsão de morte para perpetuar a alienação e a repetição de um gozo mortífero, a psicanálise pode oferecer uma alternativa, uma forma de habitar a interconexão, sustentando seus desejos, reconhecendo a transitoriedade como condição para a liberdade e a criatividade. Essa contraposição evidencia que a pulsão de morte, quando compreendida sob o prisma criativo, não precisa se limitar ao ciclo de destruição, mas pode ser reorientada para uma ética do desejo que transcende as ilusões impostas pelo neoliberalismo, possibilitando outras formas de gozo.

Diante disso, este estudo propõe não apenas uma leitura crítica do sofrimento no neoliberalismo, mas também uma aposta na possibilidade de fazer algo diferente com a pulsão

de morte. Se a repetição é inevitável, o desafio que se impõe é: como deslocá-la de sua função mortífera para uma experiência que inaugure algo novo? A pulsão de morte, afinal, não precisa ser apenas o que nos condena à repetição exaustiva, mas pode também ser aquilo que nos permite reinventar os modos de existir. A pulsão de morte pode ser compreendida a partir de sua potência criativa e sua capacidade de romper com padrões repetitivos que sustentam formas de sofrimento e alienação. Em vez de ser apenas uma força destrutiva, a pulsão de morte pode atuar como um vetor de transformação e reinvenção subjetiva. Foi esse o esforço do trabalho em questão, explorar essa perspectiva, reconhecer que, ao invés de simplesmente conduzir ao inanimado, a pulsão de morte opera como um dinamismo essencial que impulsiona o sujeito a superar estruturas fixas e criar novas formas de existência. Em termos lacanianos, toda pulsão é, em sua essência, pulsão de morte, pois ela implica um movimento que desestabiliza o eu e permite a emergência do desejo. Esse potencial disruptivo pode ser visto em experiências de criação artística, em movimentos de resistência política e na própria psicanálise, que trabalha para deslocar o sujeito da repetição compulsiva para uma posição mais inventiva diante de sua própria história. Além disso, a pulsão de morte pode ser compreendida como um princípio que permite "morrer de outra maneira", isto é, sair da lógica neoliberal de autoexploração e reencontrar modos mais singulares de existência. Ao invés de apenas perpetuar ciclos de exaustão e consumo, essa pulsão pode ser direcionada para a criação de algo novo, possibilitando que o sujeito desvie-se da repetição alienante e produza novas formas de subjetivação. Portanto, a pulsão de morte não deve ser vista apenas como uma força de destruição, mas também como um princípio de renovação. Ela é o que permite romper com a normatividade imposta e abrir espaço para a diferença, para o inesperado e para o novo.

Com base no referencial psicanalítico, demonstrou-se que, embora associada à destruição, a pulsão de morte também pode operar como vetor de ruptura e transformação. Analisou-se, ainda, como os sujeitos, diante das exigências neoliberais, buscam gerenciar essa pulsão por meio da medicalização, da hiper produtividade e da performance incessante, frequentemente em detrimento de uma elaboração subjetiva mais ampla. Ao problematizar os impactos desse discurso, destacou-se como a individualização do sofrimento dificulta formas coletivas de resistência e portanto reafirmamos a relevância da psicanálise como ferramenta crítica para a análise das dinâmicas subjetivas e para a construção de novas formas de subjetivação.

Por fim, vale ressaltar que o presente trabalho não teve a pretensão de encerrar uma discussão tão complexa ou de chegar a uma resposta final, mas sim jogar luz para os

diferentes ângulos deste tema. Fica o convite para demais pesquisadores que se interessem pelo tema aqui abordado, que sigam aprofundando os estudos e abrindo novos caminhos frente ao nosso tempo, que possamos morrer melhor e, portanto, ter uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- ALVES, A.; LIEDKE, L. **Vibes em análise**. Rio Grande do Sul: Companhia Editora Nacional, 2023.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- BIRMAN, J. **A escrita em psicanálise**. In: RIVERA, T.; CELES, L. A. M.; SOUSA, E. L. A. DE (Org.). **Psicanálise**. Rio de Janeiro: Funarte, 2017.
- BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BIRMAN, J. **Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade**. In: **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio De Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CAFÉ FILOSÓFICO CPFL. **Aceleração e depressão | Maria Rita Kehl**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kwxyT5n6E9o>>.
- CECCARELLI, P. R. **Violência e Cultura**. Disponível em: <https://www.ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_violencia-e-cultura.pdf>.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DEJOURS, C. **Subjetividade, trabalho e ação**. *Production*, v. 14, n. 3, p. 27–34, dez. 2004.
- DUNKER, C. **A hipótese depressiva**. In: **Neoliberalismo como gestão de sofrimento**. São

Paulo: Autêntica, 2020.

DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MÍLAN-RAMOS, J. G. **Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu, 2017.

DUNKER, C. **Tecnologia 6 x Vida 1: em vez de ganhar tempo, ganhamos “shit jobs”**.

Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2024/11/24/tecnologia-6-x-vida-1-em-vez-de-ganhar-tempo-ganhamos-shit-jobs.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2024.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: Da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida - SP: Ed. Ideias e Letras, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio De Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FRANCO, F. L. **Sofrimento psíquico no neoliberalismo brasileiro**. Revista Cult, v. 27, n. 311, 2024.

FREEMAN, Carla. **Neoliberal Respectability and the Making of a Caribbean Middle Class**. London: Duke University Press, 2014

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. **A teoria da sexualidade**. In: Obras Completas, Três ensaios sobre A teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos : (1901-1905). São Paulo: Companhia Das Letras, 2016.

FREUD, S. **Concepção psicanalítica do transporte psicogênico da visão**. In: Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”] e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. **Obras completas, volume 2**: Estudos sobre a histeria (1893-1895). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. In: Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. Tradução: Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

HAN, B.-C. **A sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HAN, B.-C. **Capitalismo e impulso de morte**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

HELSINGER, N. M. **A programação do homem pós-orgânico**: que riscos são traçados no papel da finitude? Tempo Psicanalítico, v. 47, n. 1, p. 43–58, 12 ago. 2015.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IANNINI, G. **Para introduzir Além do princípio do Prazer**. In: Além do Princípio do Prazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

IANNINI, G. **Psicanálise, ciência extima**. www.repositorio.ufop.br, 2007. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/698>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

JUNIOR, N. DA S.; DUNKER, C.; SAFATLE, V. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2015.

KELLNER, D. **A cultura da mídia: estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LACAN, J. **Do “trieb” de Freud e do desejo do psicanalista**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio

De Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O seminário - livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio De Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O discurso do capitalista**. In: Intervenções e textos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAKSHMIN, P. **Autocuidado de verdade**. São Paulo: Fontanar, 2023.

LARROSA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: N-1, 2014.

NOTO, C. **A vida como repetição da morte: Freud à luz de Deleuze e Foucault**. Discurso, v. 51, n. 2, p. 57-69, 27 dez. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization; 2022. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

PEREIRA, M. E. C. **A erótica do sono**. São Paulo: Aller Editora, 2021.

PERON, Paula Regina. **Da sugestão à análise da transferência: a noção de cura psicanalítica no início da obra freudiana**. Mental, Barbacena, v. 2, n. 2, p. 35-53, jun. 2004.

RIVERA, T. **O avesso do imaginário**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

ROCHA, T. H. R. **Neoliberalismo e Teoria dos Discursos: Os Usos do Corpo na Contemporaneidade**. Revista Subjetividades, v. 21, n. 1, 16 mar. 2021.

SAFATLE, V. **Alfabeto das colisões**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

SAFATLE, V. **Maneiras de transformar mundos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

SAFATLE, V. **Uma era de crise psíquica**. Revista Cult, v. 27, n. 311, 2024.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio De Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio De Janeiro: Contraponto, 2016.

TOMŠIČ, S. **The labour of enjoyment. Towards a critique of libidinal economy.** Berlin: August Verlag, 2019.

WARD , P. **Midnight Gospel.** Netflix, 2020.

ZUPANČIČ, A. **O que é sexo?** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.